

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS PELO

Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Theatro

BEATRIZ CENCI
LEONOR DE MENDONÇA
PATKULL — BOABDIL

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

Sendo os dramas — *Pathull e Beatriz Cenci* — que constituem este volume, ensaios da mocidade do poeta, escriptos aos 20 annos, sob o enthusiasmo da escola romantica, quando imperavam a *Torre de Nesle*, a *Lucrecia Borgia*, e outras composições deste genero, não podia o autor, apezar de seu talento e genio inspirado, eximir-se de pagar tributo ao gosto e ás tendencias da sua época. Deve-se, pois, tomal-os como tentativas, e aprecial-os mais pelo estylo e lances poeticos que os embellesam, do que como obras que immortalisem o poeta.

A.H.L.

S. Luiz — 12 de Julho — 1868.

BOABDIL

DRAMA EM CINCO ACTOS

ACTO I

PERSONAGENS

BOABDIL, rei de Granada.

AYXA, sua mãe.

ZORAYMA, sua mulher.

ABEN-HAMET, por outro nome — IBRALIMN.

ALHAMUR, chefe dos Abencerrages.

MULEY-HASSAN, chefe Gomeles.

MURA

UM DEREVIZ

UM PAGEM

UM EUNUCO

1° }
2° } GOMELES
3° }

UM ABENCERRAGE

2° DITO

3° DITO

CAVALLEIROS, DAMAS, PAGENS, GOMELES, ZEGRIS,
E ABENCERRAGES

ACTO I

Pateo escuro no Albyacin : vêem-se os jardins esplendidamente illuminados — passeiam damas e cavalleiros, a musica vai gradualmente enfraquecendo.

SCENA I

AYXA e MULEY HASSAN

Entram ao mesmo tempo um da esquerda, outro da direita

MULEY

Apenas ouvi que alguma cousa querieis mandar do meu serviço, não me demorei ; vim eu mesmo receber as vossas ordens : aqui estou rainha.

AYXA

Vê se alguém se aproxima.

MULEY

Ninguém : estão todos embebidos com os folgares do saráu.

AYXA

Viste-o, Muley ?

MULEY

A quem, Senhora ?

AYXA

O Saráu — não fallavas delle ?

MULEY

Para chegar até aqui foi-me preciso passar por entre os convivas, onde mais bastos se apinhavam ; mas não o quiz ver : — não o vi.

AYXA

Doeu-te certo o coração guerreiro de vêr como assim se malbaratam thesouros a tanto custo, adquiridos.

MULEY

Talvez foi isso, rainha. Creado e educado entre os homens do povo, acostumado a levar-lhes soccorros por vós e em vosso nome, sabendo qual miseria é a sua, pensei comigo que ao menos por commiserção dever-se-hia poupar-lhes tão desapiedados espectaculos que não podem senão exarcerbar os padecimentos desses homens já tão decimados, já tão sagrados pelas nossas mal terminadas dissensões. Quando entrei na fortaleza offuscou-me o resplendor das luzes, aturdiu-me aquelle rumor de festa, mas senti como que se me apertava o coração de vêr o que se fazia aqui dentro — e o que lá fóra se passava. Foi então o meu primeiro pensamento voltar aos meus antigos companheiros, e leval-os para fóra de Granada afim de que não morressem de miseria e de fome, mas antes de morte gloriosa combatendo os infieis que adoram o Christo. Certo o fizera : porém vós me esperaveis, — e eu jámais esquecerei que vos devo quanto sou e quanto valho.

AYXA

E não te arreponderás, Muley : escuta — aqui — mais perto. Quando nasceu Boabdil, meu filho, que agora reina, sabes que negras palavras leram os astrologos na sua estrella.

MULEY

Terriveis — diziam...

AYXA

Não tratemos disso : os homens podem enganar-se, e Allá permittirá que sejam falsas ! Seu pai em odio ao recém-nacido, sobre cuja cabeça pairava tão negro vaticinio, desposou a uma christã, e aos filhos desta quiz dar por herança o throno de Granada. Tu o sabes. Foi-me preciso muita coragem para luctar — mulher e sósinha — contra meu marido que era rei e que odiava a seu filho : foi-me preciso empregar muito ardil, sustentar muitas luctas, e não recuei nem diante da guerra, por que defendia um filho, e queria sustentar na sua cabeça a corôa de seus pais que não passasse aos filhos da estrangeira.

MULEY

Bem o sei, rainha !

AYXA

Bem o sabes, sim ; mas tu que foste sempre o braço armado dos meus conselhos, — o escudo sob cuja protecção dormia tranquilla a infancia de Boabdil, bem pôdes avaliar como não será profunda a minha dôr de ver que o reino tão disputado, adquirido a custo de tantas fadigas, de tantas vigílias, de tantas bata-

lhas, se vai pouco a pouco desmoronando por incuria de quem mais devêra velar pela sua conservação. Os christãos aprezam os nossos rebanhos, talam os nossos campos, arrasam as nossas fortalezas, conquistam as nossas cidades, e nós descancamos em ocio, adormecemos ao som das dulcaynas, ao compasso da zambra; e não ha uma voz que nos arranque deste lethargo, uma cabeça que pense por todos, um braço que defenda as conquistas do grande Miramolin! Não! não será assim.

MULEY

E não o será se o quizerdes. Ponde Boabdil á nossa frente, e vereis como nós os arabes, que preferimos os combates ás festas, caminhamos alegres ao encontro da victoria. Porém Boabdil, rainha, com magoa o digo, herdou o nosso coração, mas não a nossa alma.

AYXA

Boabdil é valente e corajoso, talvez demasiadamente inclinado aos prazeres; para que desperte da sua natural indolencia é mister um motivo muito poderoso. Parece-me que o achei, Muley Hassan: queres tu ajudar-me?

MULEY

Dizei, Senhora.

AYXA

Não adivinhas acaso o motivo porque Boabdil não procura defender-se dos christãos?

MULEY

Creio que o adivinho. Todo entregue aos amores de

Zorayma, não tem olhos senão para a ver, não tem pensamentos senão para ella. Não é como convém que seja um guerreiro, nem como me parece que dever ser um rei: é um homem que ama e nada mais. O motivo é este: muitos outros lhe servem de pretexto.

AYXA

E se lhe tirassemos esse motivo?!

MULEY

Eu, Senhora! não vos comprehendo! Nada mais sou que um pobre guerreiro que nunca terá forças de levar da espada contra uma pobre mulher, que se não defende!

AYXA

E quem te falla em violencias contra mulher alguma! Estás louco! Não é comtudo porque eu não tenha coragem de sacrificar a uma mulher, quem quer que ella seja, quando se trata de resguardar um throno que é meu, — uma crença que é minha, — um rei que é meu filho. — Eu a sacrificaria de boa vontade, por minhas proprias mãos se fosse preciso; mas a sua morte nos seria inutil. — Quero sómente resgatar Boabdil do seu jugo — e entregue elle de novo aos meus conselhos, o crescente brilhará outra vez no céo da Hespanha, fronteira á cruz dos infieis!

MULEY

Allah vos ouça.

AYXA

E me ouvirá. — Attende-me. Um eunucho que trata dos jardins do Generalifata levou ha pouco um

ramo de flôres a Zorayma: eu o vi: Era decerto uma mensagem de amor — de quem não sei: perguntei-lh'o não m'o soube responder: era um estranho, algum dos nossos guerreiros ultimamente resgatados do captivo, — e talvez dos companheiros de meu filho. A mensagem chegou ao seu destino.

MULEY

E consentistes ? !

AYXA

Assim era preciso.

MULEY

E o que diziam as flôres ?

AYXA

Que esta noite lhe iria fallar ao seu aposento.

MULEY

Só ?

AYXA

É quanto basta. Boabdil conhecerá que é trahido — ha de desprezal-a, e o reino é salvo ! Mas o insolente que se atreveu a levantar tão alto os olhos, não ficará sem castigo. Não, por minha alma, — não se dirá que fechei os olhos a crimes desta natureza, nem que um vil escravo zombou impunemente de um rei com afronta que um simples cavalleiro jámais deixa esquecida.

MULEY

Estou ás vossas ordens !

AYXA

Bem : o que te cumpre fazer...

MULEY

Alguem se aproxima.

AYXA

Retiremo-nos : com mais vagar saberás o resto.
(*Sahem.*)

SCENA II

ALHAMUR e ABEN-HAMET

ALHAMUR

Que agradável surpresa me causaste ! Suppunha-te captivo em poder dos christãos, morto talvez ! e eis que de improviso me appareces mais glorioso que dantes, e em favor para com o rei, um pouco desconhecido, sim, — um pouco mudado pelo sol dos combates ; mas quando será que se não reconheçam os olhos de um amigo ?

ABEN-HAMET

Oxalá me não reconhecesses !

ALHAMUR

Duvidei de te haver reconhecido quando na minha presença ouvi que o rei te chamava Aben-Hamet, e agora pelas tuas palavras vem-me ainda em duvida se o Aben-Hamet de hoje é o mesmo Ibrahim doutr'ora !

ABEN-HAMET

Ibrahim morreu ! — Se em algum tempo te fui caro, — se alguma lembrança te ficou desse desgraçado Abencerrage, esqueça-te esse nome. Não sou

mais Ibrahim! Sou Aben-Hamet, o guerreiro sem braços e sem familia, que no mundo só tem um desejo, só alimenta uma esperança!

ALHAMUR

E esse desejo! essa esperança!

ABEN-HAMET

Não me interrogues.

ALHAMUR

Galar-me-hei: és senhor dos teus segredos, bem sabes que sou pouco exigente, — e que contra a tua vontade jámais reclamei a parte que me cabe em teus pezares. Tratemos de outro assumpto. Granada continúa estar dividida em dois grandes partidos: os Zegrís de que é chefe Muley Hassan, e os Abencerrages de que na tua ausencia sou chefe. Os Zegrís caminham cada vez mais orgulhosos, fazem reviver as suas antigas pretensões, e querem em tudo e por tudo supplantar-nos. Os Abencerrages insubordinados e revoltosos, precisam de uma vontade forte que os derija, de um braço que elles respeitem e de uma gloria que elles admirem. Tu chegaste enfim, e o seu commando te pertence. Eis a espada que me confiaste.

ABEN-HAMET

Guarda-a, Alhamur: não a posso acceitar.

ALHAMUR

E porque? Não foste sempre o nosso chefe — o cavalleiro mais liberal, mais valente, e mais rico dos Abencerrages — descendente de reis?

ABEN-HAMET

Aben-Hamet nada tem com os nobres Abencerrages. Ibrahim jaz na sepultura do velho Mohamede, não atraiçoará o segredo de seu filho, e o coração de um amigo que tambem não será traidor — Eu tenho na terra, já t'o disse, um só desejo, uma só esperança, talvez uma missão de sangue (*Em vos baixa e surda.*) Contra uma mulher, Alhamur, contra uma mulher!

ALHAMUR

Tu a odeias?

ABEN-HAMET

Amo-a.

ALHAMUR

Amas! e queres matal-a?!

ABEN-HAMET

Amo-a, como se ama a vingança.

ALHAMUR

E ella é?...

ABEN-HAMET

Não o deves saber! os nossos irmãos carecem de teu braço, dos teus conselhos — basta que eu morra! (*Pausa*) Cheguei e mandei pedir-lhe uma entrevista! Um eunucho se incumbiu da missiva, — era um simples ramo de flôres. Quero vê-la... ouvil-a!... não, basta vê-la: depois — alli — de joelhos — a meus pés — matal-a, a ella e a mim.

ALHAMUR

Allah se compadeça de ti!

ABEN-HAMET

Oh! como eu a amava! Lembras-te da ultima vez em que nos vimos? Era noite — a dez horas: — bati, e tu mesmo me vieste abrir a tua porta. Um motivo urgente...

ALHAMUR

Não m'ò quizeste dizer, então.

ABEN-HAMET

Ella foi!

ALHAMUR

Vinhas coberto de lama e de sangue!

ABEN-HAMET

Ainda por amor della!

ALHAMUR

Nada quizeste acceitar.

ABEN-HAMET

Asilo por algumas horas — segredo por toda a vida.

ALHAMUR

E partiste logo!...

ABEN-HAMET

Como eu lhe havia promettido, como ella me havia promettido a mim de ser me fiel. Seu pai negou-me a sua mão depois de m'a ter outorgado, recusou o seu consentimento a esta alliança com que por tão largo tempo me trouxe lisongeadado, a pretexto... nem eu sei de que — da minha verde mocidade, do meu nome pouco conhecido! Cobarde e perjuro! — Começavam então as nossas guerras contra os christãos, quiz vol-

tar com tantos trophéos que me não podesse recusar a mão de sua filha! Mas primeiro quiz vê-la, fallar-lhe antes de partir, dar-lhe alguma esperança e receber alguma consolação. Que votos os d'aquella fementida! que lagrimas não chorou aquella perfida! que adeoses os d'aquella embusteira! Já me retirava, quando me acommette a traição, apunhala-me cobardemente, vendo-me sem armas, e lança-me n'um fogo julgando-me sem vida!... Tu sabes o resto!

ALHAMUR

Sei, sim; mas ha ahi alguma cousa que não comprehendo! Quem foi esse que te recusou a mão de sua filha — a ti — o mais generoso, o mais bemquisto dos cavalleiros de Granada? De que tribu, de que reis descendia?

ABEN-HAMET

Eu tinha um rival, Alhamur. Quem elle fosse não o soube então, e oxalá o não soubesse agora!

ALHAMUR

Mas era elle mais, era tanto como tu? Poder-te-hia ser equiparado ao menos?

ABEN-HAMET

Quiz Allah que elle fosse mais poderoso!

ALHAMUR

Céos! era o rei.

ABEN-HAMET, *vivamente.*

Cala-te. (*Tranquillo.*) Disse-o eu por ventura?

ALHAMUR

Assás o disseste! Se alguma cousa valem para contigo os meus rogos, Ibrahim, (*Emendando-se.*) Aben-

Hamet, muda o teu proposito : deixa que ella viva entregue aos remorsos de haver desprezado uma alma como a tua, um amor como o teu, e não queiras que se diga do primeiro dos Abencerrages que elle se cobriu de vergonha e de opprobrio vingando-se de uma mulher !

ABEN-HAMET

Escuta-me. Quando no meu exilio me chegou a dolorosa noticia das suas nupcias, não perdi a razão porque aprouve a Allah que a conservasse em toda a sua força para sentir dobradamente o amargor da sua colera. Tentei esquecel-a, mas debalde: tentei expulsal-a do meu pensamento á custa de inaudito, de incrível trabalho — ainda debalde. Eu a via sempre, já sentada no seu elevado terrasso, gozando a viração da tarde, já descantando na sua guzla aquellas trovas singelas das nossas façanhas que tanto me apraziam ouvir na bôca della : via-a graciosamente divagar pelos jardins da Veiga, pelas preguiçosas do Xenil, juntos ás ondas do Daro, com as alvas roupagens fluctuando á mercê da brisa por baixo dos laranjaes e da oliveda. Via sempre — ouvi-a sempre ! Julguei que a odiava quando o meu amor era cada vez mais forte ! — Justas e torneios tudo affrontei para ver se em alguma parte encontrava a morte : não a encontrei nunca ! Na batalha de Lucena tentei ainda morrer, tambem o não pude ! Boabdil cercado por um troço de infieis ia ser morto por alguns soldados electricisados pela victoria, que o não reconheciam na simplicidade do seu vestuario. Interpuz-me entre elle e os soldados que o procuravam ferir, e cahi crivado de golpes. Elle viveu e eu não pude morrer ! Boabdil vencido e prisioneiro ligou-se estreitamente ao homem que o sal-

vara com perigo da propria vida : quanto mais fugia da sua presença, mais me procurava elle ; quanto mais o odiava, tanto maior se tornava a sua amizade. Eu que vi claramente a mão de Allah em todos estes acontecimentos, curvei humilde a cabeça, porque ante a sua vontade que vale o querer dos homens ?

ALHAMUR

Deos é misericordioso.

ABEN-HAMET

E justiceiro. — Não ouviste tudo. Boabdil foi libertado, e eu fiquei prisioneiro. Mil vezes poderia ter-me evadido, e procurar a vingança que tão decentemente me sorria na febre da minha imaginação. Não o quiz nunca. Ficarei, dizia eu, ficarei eternamente captivo desta raça aborrecida ; e as miserias do immerecido captivo me farão esquecer do que fui, do que sou, e de quanto passei por amor della. Resgataram-me por fim, e eis-me aqui !

ALHAMUR

Mas porque vieste ?

ABEN-HAMET

Vim constrangido, Boabdil elevado ao throno, contra o costume dos reis, não se esqueceu que a um vassallo devia a vida ; quiz premiar-me máo grado meu, porque só assim se poderia cumprir o seu e o meu destino.

ALHAMUR

Aben-Hamet, não farás tu um ultimo, um derradeiro esforço ?

ABEN-HAMET

Nenhum mais.

ALHAMUR

Se morres, eu morrerei tambem ; se o teu proposito é irrevogavel, eu me sujeitarei tambem á tua sorte : — mas primeiro quero salvar-te. Sei que poderás frustrar as minhas esperanças, mas o que não poderás é obstar a que eu morra contigo, se mais te aprouver morrer. Em favor de um amigo que assim se submete a tua boa ou má fortuna não farás tu o que te peço?

ABEN-HAMET

Falla amigo.

ALHAMUR

Ao rei que nada te poderá negar pede permissão de partir, eu te seguirei, e por ventura que outra sorte nos espera longe destes muros, longe mesmo das terras de Hespanha — entre os nossos d'além mar.

ABEN-HAMET

Pobre amigo! Ha alguma cousa mais forte que a intenção dos homens, é a vontade d'aquelle que lhes escreveu as acções nos astros em caracteres de fogo. Comtudo seguirei o teu conselho, farei o que pedes, — irei supplicar ao rei que me permita deixar a sua côrte e partir. Se fôr attendido, parto já — immediatamente, sem a ver, sem lhe fallar e não voltarei mais. Porém se elle fôr surdo aos meus rogos...

ALHAMUR

Se assim fôr?

ABEN-HAMET

Cumprirei o meu fado! (*Sahe.*)

ALHAMUR, *depois de alguns momentos de reflexão.*

Hei de salvar-te, ou perecer contigo.

SCENA III

MURA, ZEGRIS e GOMELES

MURA

Por aqui meus senhores, por aqui. — Convém que um pouco recobremos as nossas forças. — São estes saráus á semelhança das batalhas, e nós outros os Zegrís e Gomeles — isto é, o que ha de mais puro e de mais generoso em Granada, assim como somos os primeiros nos combates, convém que saíamos os ultimos do festejo. As damas assim o querem, e nós assim o havemos praticado sempre.

1.º GOMEL

E que magnifico saráu!

2.º GOMEL

Que melodiosas dulcaynas!

3.º GOMEL

Que zambras divinas! Que expressão nas figuras!
Que harmonia nos concertos!

MURA

Tudo é bom e bello. Haveis de confessar, meus amigos, que para concertar umas destas festas, não ha outro como o nosso rei Boabdil que Allah conserve e proteja! É rei nos gostos, no apparatus e na magnificencia; é rei como não foi seu velho pai, que haverá de viver aborrecido entre as houris do pro-

pheta, como viveu aborrecido nos paços encantados da Alhambra!

3.º GOMEL

Certo que se estas festas continuam não quererei que tenha havido entre os Kalifas de Bagdad nem um mais sumptuoso que o nosso rei Boabdil. Quer elle por ventura desmentir aquella negregada prophecia dos astrologos que lhe tiraram o horoscopo por occasião do seu nascimento.

2.º GOMEL

Que prophecia foi essa?

MURA

Não o sabeis?!

1.º GOMEL

Não a sabemos não!

MURA

Oh! pois é bem sabida.

2.º GOMEL

Contai-nos isso: contai-nos depressa.

SCENA IV

MULEY HASSAN *embuçado e os MESMOS*

MULEY

Eu vol-a direi.

MURA

E tu quem és?! (*Muley descobre-se.*)

TODOS

Muley Hassan!

MULEY

Sim, Muley Hassan, o guerreiro sem nome, sem fortuna, sem familia, e que vos diz a vós todos Zegrís e Gomeles, que vos vangloriais de ser os mais puros, os mais generosos cavalleiros granadinos: — Por vossa causa se cumprirá ainda a prophecia dos astrologos, e Granada cahirá em poder dos infieis.

1.º GOMEL

Elle insulta-nos!

MULEY

O poder de Hespanha vai crescendo á sombra dos nossos descuidos e do nosso desleixo! Alhama cahiu! Zahara rendeu-se, Soxa foi tomada á traição. Ronda occupada á força, e Malaga resiste apenas ao poderio do rei catholico. E nós o que esperamos? e vós o que fazeis?

MURA

Cala-te Muley.

MULEY

Amolecidos pelos deleites, temeis o estrepido das armas, porque aos vossos membros afeitos ás sêdas e aos brocados é sobejamente pesada a armadura do guerreiro, e cimitarra do combate!

MURA

Mentes Muley.

1.º GOMEL

Elle nos provoca!

2.º GOMEL

Ameaça-nos !

3.º GOMEL

Insulta-nos !

MULEY

Fracos !

TODOS

Morra ! morra !

MURA

Suspendei. A offensa feita aos meus companheiros d'armas, diz respeito a mim, e não serei eu quem a deixe impune, nem que chame outro braço em meu auxilio. (*Arrancando a espada.*) Defende-te !

MULEY

Defender-me porque ?

MURA

Porque as palavras que proferiste deixam nodoa, que só com o sangue se apaga.

MULEY

Mancebo, enverga a cota de malha, cinge o alfange, toma a lança, a adaga, e o escudo, e vai primeiro onde os de Christo vos estão desafiando todos os dias — a todos os momentos. Toma uma bandeira, rende a um dos seus chefes, captiva um dos seus cavalleiros, e poderás depois pedir-me que retracte as palavras que proferi contra os da tua tribu.

MURA

És um cobarde. (*Embainha a espada : aos seus.*) Rendei-o. (*Lançam-se sobre Muley Hassan : este arranca da espada e põe-se em defesa.*)

SCENA V

OS MESMOS, BOABDIL e ABEN-HAMET

BOABDIL

Continuai, senhores, continuai !

TODOS, *curvados.*

O rei ! (*Momento de silencio : o rei os encara mudamente, collocando-se no meio delles.*)

BOABDIL

Creio que vos divertieis em amotinar o meu palacio ! Já vos não bastam as ruas de Granada, as suas praças, os seus jardins, os seus arredores, testemunhas diarias dos vossos escandalos, para virdes aqui no meio de um saráu, na minha presença, alborotar com os vossos ferros a minha côrte. Por Mafoma, que havemos de pôr cobro a tanta audacia ! — Fallai, Mura ; — Muley Hassan dizei-o ! Vós que deveis o exemplo da obediencia aos vossos Gomeles, — vós a quem os annos já deveriam ter feito mais circumspecto — dizei-o : onde estão os cavalleiros de Aviz e de S. Thiago ? onde os christãos ? onde os inimigos que haveis de combater ? ou então porque estais armados ?

MULEY

Rei, Senhor, servem estas armas para defesa d'aquelles aos quaes já não basta para segurança do seu corpo descançar sob os tectos que cobrem a V. M.

BOABDIL

Tresvarias, Muley ?

MULEY

Perguntai — ao valente Mura, porque haviam os seus Zegrís de prender-me dentro do vosso palacio.

BOABDIL

Dentro do meu palacio!

MURA

Escutai-me Senhor.

BOABDIL

Dentro do meu palacio!

MURA

Temos a prerogativa de vingar-nos por nossas mãos do insulto que se nos faz! Jámais um dos nossos não foi ante os reis vossos antecessores clamar justiça contra os damnos que dos inimigos recebessem, nem reparação de injurias que musulmanos ou-sassem fazer-lhes: porque descendentes dos reis de Cordova!...

BOABDIL

Descendesseis vós dos Kalifas de Bagdad, do rei de Fez ou de Marrocos, ou do grande Miramolim que conquistou as Hespanhas, de que descendem os nobres Mencerrages, ainda assim, meus senhores, ainda assim fôra incrível, inaudito, estupendo o vosso ar-rojo.

MULEY

Rei...

BOABDIL

Quem ousa interromper-me! Porque sabeis que sou rei benigno e indulgente, porque fecho os olhos para não ver os vossos desvarios, porque vos não su-

jeito com varas de ferro, julgais que podeis affrontar-me impunemente, e que basta para desculpar-vos lançar-me como em desafio que sois descendentes dos reis de Cordova! Rei de Cordova! Que foram elles? Bastava aos meus antecessores dar um passo aqui onde estamos para os fazer tremer e vacilar no seu throno. E o que não haveríamos de soffrer a elles, o que elles não ousariam praticar, commetter um desacato igual ao vosso, havemos de o soffrer — a vós que não sois senão uns simplicies cavalleiros, que não sois mais que meus vassallos? Desenganai-vos, senhores.

MURA

Perdoai-nos! (*Boabdil faz-lhe signal com a mão que se retirem.*)

SCENA VI

BOABDIL, ABEN-HAMET

BOABDIL

Tu o vês Aben-Hamet — fôra, o rei catholico, que avança sobre nós com todas as suas forças, e dentro a cidade que se divide em bandos, — os cavalleiros que reciprocamente se combatem, e o povo aterrado com os vencidos que de todas as partes nos chegam clamando justiça a Allah, que os não escuta, e pe dindo vingança a mim que só tenho a minha vontade que oppôr aquelles que fôra nos accommettem, e os cá de dentro que todos os dias nos enfraquecem. — Que mais posso fazer? — Oh! não, de balde me appellidaram os meus o desditoso, porque desditoso é por certo aquelle a quem Allah escolhe na sua colera

para presidir aos destinos dos povos em tempos de crise, e de provação! — E em tal momento me queres tu deixar?

ABEN-HAMET

Que serviços podeis esperar de mim, fraco, ignorado e desconhecido até por vós mesmo!

BOABDIL

Os da tua amizade, Aben-Hamet: não és tu o meu unico amigo? o unico a quem me confio? o unico em quem descanço?

ABEN-HAMET

As vossas palavras — me impõem dobrada obrigação de partir, que não mereço os vossos favores. Sabeis donde venho? que fado é o meu? sabeis mesmo quem sou?

BOABDIL

És meu amigo: — o mais que importa? Nascesses embora em uma cabana e de pais mendigos, tens um coração de rei! Amo-te, Aben-Hamet, porque foste o unico dos que me cercam que te atreveste a ler fixamente o meu pensamento no meu rosto; e onde encontrar outro como tu, se quando abro os braços para receber um amigo, cahem-me todos aos pés como se fossem escravos!

ABEN-HAMET

Eu poderia dizer-vos que a amizade dos reis é perigosa, que os seus favores pesam, que não me sinto com animo de a merecer.

BOABDIL

Mais valera não ter nascido sobre o throno, se elle tem de custar-me um amigo, — se não podes amar

senão a um vencido, se não podes offerecer a vida senão a um prisioneiro!

ABEN-HAMET

Eu vos mentiria se vos allegasse aquelles motivos: são outros que vos não posso confessar, — mas quão fôrtes sejam elles podereis julgar pela minha insistencia.

BOABDIL

Escuta, Aben-Hamet, tens uma paixão occulta e violenta!

ABEN-HAMET

Céos!

BOABDIL

Tu amas!

ABEN-HAMET

Senhor, que apreço podeis fazer dos sentimentos de um homem obscuro?

BOABDIL

Não é o rei, — é Boabdil que se interessa pela sorte de um amigo: confessa.

ABEN-HAMET

Sim, rei, eu amo!

BOABDIL

Muito?

ABEN-HAMET

Como se ama o combate, o fogo, o sangue!

BOABDIL

E nada poderei fazer por amor de ti?

ABEN-HAMET

Nada!

BOABDIL

É o rei quem falla : Nada poderei fazer por amor de ti?

ABEN-HAMET

Não sou amado!

BOABDIL

Ha de amar-te, sim. Não tens fortuna talvez?

ABEN-HAMET

Tenho.

BOABDIL

Não tens nobreza?

ABEN-HAMET

Tenho.

BOABDIL

E não te ama! Tambem é nobre?

ABEN-HAMET

Como eu!

BOABDIL

Poderosa?

ABEN-HAMET

Como eu! Mas já vos hei dito, Sr. ; poderieis dar-me nome, fortuna, poderio, — o que não podereis dar-me, o que me faltou sómente foi o seu amor!

BOABDIL

E quem é?

ABEN-HAMET

Não vol-o posso dizer.

BOABDIL

Está longe?

ABEN-HAMET

Agora muito longe de mim.

BOABDIL

Entendo : queres viver onde ella mora...

ABEN-HAMET

Enganais-vos, Sr., — irei para muito longe della, para onde a não veja, para onde possa esquecer que amei, e que me trahiram.

BOABDIL

Tanto melhor, que ficarás entre nós.

SCENA VII

Os MESMOS e um PAGEM

O Pagem entra e curva-se profundamente.

BOABDIL

O que ha?

O PAGEM

Senhor, um santo derviz chegado ha pouco de Velez de Malaga, diz que tem noticias importantes a communicar-vos.

BOABDIL

De Malaga dizes tu! — que entre sem demora!

SCENA VIII

O REI, ABEN-HAMET, O DERVIZ

DERVIZ

Allah te guarde.

BOABDIL

Approxima-te. Vens de Velez de Malaga?

DERVIZ

Tu o disseste, rei.

BOABDIL

O inverno vai adiantado; os christãos preparam-se para levantar o assedio : não é esta a boa nova que nos vens trazer?

DERVIZ

Tristes novas, Sr.

BOABDIL

Como! tristes?

DERVIZ

Funestas devêra eu dizer.

BOABDIL

Conclui : nós te escutamos.

DERVIZ

Com as novas artes que os christãos empregam na guerra não valem forças, nem brios de guerreiros. — Aplainaram montes para o transporte da sua artilharia, assestaram-na contra as nossas mais fortes muralhas que se esboroam como por encanto. — O genio da destruição os acompanha. Malaga cahiu em poder dos christãos.

BOABDIL

E Comarez?

DERVIZ

Rendida tambem.

BOABDIL

E Bentomiz?

DERVIZ

Assolada.

BOABDIL

E as villas da Axarquia, os castellos das Alpuxaras.

DERVIZ

Rendidas, saqueadas : — destruidas muitas, vencidas todas!

BOABDIL

Allah Achabar! Deos não permittirá nunca que o crescente se offusque em presença da cruz, nem que por culpa dos homens se perca o reino dos descendentes do propheta.

DERVIZ

Rei, lembras-te do teu horoscopo?

BOABDIL

Palavras loucas que nunca se haverão de realizar!

DERVIZ

Revelação celeste!

BOABDIL

Cala-te!

DERVIZ

Calar-me porque? Antes fallarei bem alto por que as palavras de Deos devem de ser escutadas por todos os homens.

BOABDIL

Insensato! que mal me poderá vir das tuas palavras, ou porque me temerei eu de que te escutem! Vinde.

SCENA IX

Os MESMOS CAVALLEIROS, DAMAS,
PAGENS, *luzes.*

BOABDIL

Elles te escutam : falla.

DERVIZ

Em vez de te vestires de sacco, de cobrires a cabeça com cinza — em vez de rojares noite e dia no pavimento das mesquitas para aplacar a colera de Allah, que te ha condemnado de toda a eternidade, que fizeste, rei? Entregue á moleza e aos prazeres dos sentidos, mandaste embellezar, pintar, dourar o teu palacio; mandaste procurar de longes terras novas flôres para os teus jardins, novas odaliscas para o teu serralho, e fechaste os olhos para não ver a tua miséria, e a punição que te está imminente... — Os christãos te assaltam e tu não resistes! devassam as tuas terras e não despertas do teu lethargo! — tomam as tuas villas, as tuas cidades, as tuas fortalezas...

BOABDIL

Prendei-o.

DERVIZ, *a guarda.*

Escutai-me; na minha juventude uma voz me fallou ao coração, deixei o mundo, fugi do trato dos homens, e no meio de serras aridas, e broncas penedias escolhi a minha habitação. Vivi de raizes silvestres, tendo por leito o cardo e o tojo : macerei o meu corpo para que, purificado elle, se tornasse o meu espirito

digno de ser visitado pelo espirito de Deos. Longe do mundo meditei nas vicissitudes da vida, e na sorte dos imperios, e pude ler no livro do destino porque era Allah quem guiava os meus olhos para que não cegassem, e quem esclarecia a minha intelligencia para que os podesse ler. Musulmanos, quem de vós se atreverá a tocar no inspirado de Deos?

BOABDIL

É um embusteiro! prendei-o.

DERVIZ

Boabdil — escuta a voz de Allah, que te falla por minha bôca. Os teus defensores — aquelles que te poderiam salvar, seriam cobardemente assassinados por ti! Vergarás a tua cabeça com o peso das tuas culpas, porque partiste o pão e o sal com os inimigos de Mafoma : transformarás o sceptro em punhal, e o teu throno cahirá minado pelo sangue de tantas victimas innocentes! E aquelles que te deveriam amar, a quem amas — esposa — mãe, amigos, serão a origem, o instrumento, a causa da tua perdição!

BOABDIL

É um louco : soltai-o!

DERVIZ, *ao sahir da porta com gesto solemne.*

Chora Boabdil, perdeste o reino!

ACTO II

ACTO II

Camara no Harem da Alhambra.

SCENA I

ZORAYMA, *entrando.*

São horas! elle não pôde tardar. (*Cahindo no sophá depois de alguns momentos de silencio.*) Oh! meu pai, meu pai, que mal te fez tua filha para que a sacrificasses á tua ambição, depois de ter acoroçoado este amor que era a minha vida, e que neste momento me está dilacerando o coração! — Ibrahim vive! vive! e eu já não posso pertencer-lhe! vive, e vem exigir de mim satisfação do horrivel attentado!... Allah! que eu haja de tremer na presença d'elle, cujos pensamentos eram meus, — cujo só desejo era possuir-me, cuja unica ambição era o meu amor! Desditoso! como não será terrivel a sua desesperação, se ainda conserva lembranças d'aquelle tempo de innocencia e venturas, que juntos passamos, se ainda sente por mim aquelle amor tão grande que se não devera a cabar nunca! — Não convém que parta, que evite a minha

presença, que seja feliz longe de mim, se em alguma parte o espera a ventura. — Terei desejos de voar aos braços d'elle, de matar as saudades que tive na sua ausencia, de dizer-lhe quanto o amei, quanto o amo ainda : doa-se embora o meu coração, mas permaneça muda como a pedra de um jazigo. — Dir-lhe-hei que o nosso amor era uma chimera, uma illusão que se acabou, — que eu não devia, não podia guardar memoria sua, no throno em que me sento, entre as louçanias que me cercam... Mimosos sonhos da minha juventude, se ainda podesseis! imagens feiticeiras, doces pensamentos, illusões da minha infancia descuidada, se ainda podesseis voltar outra vez! (*Ouvem-se passos.*) É elle! porque tremer assim — eia! coragem (*Abre a porta resolutamente.*) Entrai!

SCENA II

ZORAYMA, ABEN-HAMET

ZORAYMA

Foi vossa por certo a missiva que hoje nos entregaram da parte de um estrangeiro.

ABEN-HAMET

Minha foi!

ZORAYMA

Nós a recebemos : que quereis pois.

ABEN-HAMET, *bruscamente.*

Vêr-vos!

ZORAYMA, *a parte.*

Ah! que ia eu fazer! (*Alto.*) Fallai.

ABEN-HAMET, *baixo.*

Nem me reconhece!

ZORAYMA

Fallai Ibrahim.

ABEN-HAMET

Ainda sabe o meu nome!

ZORAYMA

E porque havíamos esquecer o vosso nome, quando talvez precisais do vosso valimento!? — Creio que algum tempo estivestes ausente de Granada — podia nesse intervallo ter-se alguém apossado dos vossos bens. É isto! (*Silencio.*) Se assim é podeis contar que vos serão restituídos! (*Mesmo silencio.*) Tambem poderia ser que fosseis dos guerreiros que tomaram voz pelo velho rei, e que houveram de expatriar-se com as victorias de Boabdil. Mui ha que vos não viram na côrte! (*Mesmo silencio.*) Ou talvez, quem sabe? — pretendeis algum posto elevado no exercito, a defesa de algum castello ou praça de guerra! fallai, que não tereis de balde reclamado a minha protecção : somos alguma cousa em Granada, e não nos taxareis de inconsiderada se de ante-mão vos promettemos conceder-vos a graça que nos pedirdes.

ABEN-HAMET

Não, já se não lembra de mim!

ZORAYMA

Que devo eu suppôr do vosso silencio? Por minha alma, senhor, creio que zombais da vossa rainha!

Pedistes-nos uma entrevista que vos deveríamos ter recusado, mas que vos concedemos por vos suppôr mal tratado ou perseguido! e quando esperamos que nos digais o motivo que tivestes para nos fazer tal pedido, — quando em a nossa benevolencia vamos ao diante da vossa vontade, todo vos cobris de silencio e mysterio, como se nós — vossa rainha e senhora — devessemos tremer na vossa presença!

ABEN-HAMET

É o mesmo accento, o mesmo rosto, — é o mesmo que a outra — só não tem o mesmo coração.

ZORAYMA

Por Mafoma! só vos esqueceu que não soffreríamos que se abusasse da nossa condescendencia, — e que a um acêno, a um chamado meu accorreriam todos os guardas do palacio...

ABEN-HAMET

Chamai-os.

ZORAYMA

Sahi, Sr., sahi!

ABEN-HAMET

Zorayma!

ZORAYMA

Sou a rainha!

ABEN-HAMET

Seja — haveis de me escutar, rainha.

ZORAYMA

Não vos repetirei as minhas ordens : proximos vi

giam os guardas do Harem! — tomai tento no que ides dizer!

ABEN-AHMET

Grande foi o meu arrojo, pedindo-vos uma entrevista, porém maior foi a vossa imprudencia, rainha, recebendo uma missiva de amores, e vindo vós mesma abrir-me a porta dos vossos aposentos : Terei algum motivo ne tremer na presença da minha cumplice!

ZORAYMA

Era pois isso o que nos querieis dizer?

ABEN-HAMET

Contar-vos-hei a historia dos meus amores; historia simples e singela, onde iam presas todas as minhas illusões, todas as minhas esperanças!

ZORAYMA

E escolhestes-me para vossa confidente!

ABEN-HAMET

A vós, não rainha! mas a ti, Zorayma, a ti que mais odeio agora do que out'ora te amei. Quando ereis simples donzella, que não tinhas o orgulho de rainha, mas sómente um coração de mulher — e já era muito agora o vejo! então quando eu te amava, que já era o que sou — talvez mais — Ibrahim, o mais rico, o mais bemquisto dos Abencerrages — não era pouco : — disse-te eu por ventura, dei-te ao menos a entender, Zorayma, que outros dotes não tinhas além da tua belleza e da tua innocencia? — Quando teu pai a pretexto dos meus verdes annos, rebaixando os meus feitos, que não eram todavia sem gloria, como que me recusou a tua mão, disse-lhe eu por ventura que era

sobrado orgulho em um guerreiro como elle rejeitar-me a mim, a quem o ultimo rei concederia a mão de sua filha, se lha eu pedisse, — a quem Boabdil offerceria a mão de sua irmã se adivinhasse que era minha intenção pedir-lha? Não, julguei no meu amor que merecias maiores sacrificios e resolvi-me a partir!

ZORAYMA

Allah! que martyrio o meu!

ABEN-HAMET

Quando — da ultima vez que nos vimos, depois d'aquelles protestos que juntos fizemos, e que — tu primeira esqueceste, Zorayma, teu pai me surpreendeu quasi a teus pés, quando me apunhalou cobarde e traiçoeiramente amaldiçoei por ventura o teu nome? Leste alguma arguição nos meus olhos, quando me parecia que pela ultima vez os fechava sobre a terra?

ZORAYMA, *parece ter estado com attenção para fóra da scena.*

Sinto passos! talvez alguém nos escute.

ABEN-HAMET

Mandai que se calem, que se retirem — vós podeis tudo!

ZORAYMA, *vai a janella : com anciedade.*

Parece que se approximam, se alguém te viu entrar : foge, eu t'ó supplico!

ABEN-HAMET

Ainda não disse tudo! Volto e te encontro tão outra, tão differente do que sempre foste, que me não reconheces, nem já me sabes comprehender. Que fiz eu? — Fallei-te dos tempos de que já te não querias lembrar?

perguntei o que havias feito dos teus juramentos? disse-te que havias subido ao throno á custa d'um perjurio e d'uma infamia? disse-te eu isso? — Não, quiz vêr-te ainda uma vez, não sentada no throno, nem cercada das galas da cõrte que enganam tanto! — quiz vêr-te, mas a sós, e ler no teu coração se ainda não houvesse mudado, se ainda nelle soubesse ler. Se te achasse infeliz, retirar-me-hia para longe, deterrava-me a mim proprio, porque no meu desespero poderia dizer a mim proprio : « Ella tambem soffre! — » mas encontro-te feliz, valida, orgulhosa!

ZORAYMA, *muito anciosa.*

Foge Ibrahim, foge — é a ti a quem procuram.

ABEN-HAMET

Que me poderão elles fazer!

ZORAYMA

Foge, eu t'ó supplico pelo que mais amas!

ABEN-HAMET

A ninguém amo.

ZORAYMA

Elles te matarão na minha presença.

ABEN-HAMET

És rainha.

ZORAYMA, *cahindo de joelhos.*

Sou uma triste mulher que te supplica, e a quem estás neste momento assassinando.

ABEN-HAMET

Retirar-me-hei... com uma condição.

ZORAYMA

Falla.

ABEN-HAMET

Descerás á meia noite aos jardins do serralho.

ZORAYMA

Porque motivo?

ABEN-HAMET

Eu o quero.

ZORAYMA

A que fim?

ABEN-HAMET

Não te importa.

ZORAYMA

Impões condições porque me não suppões com a coragem de denunciar-te: fazes-me justiça, Ibrahim, mas é esse o modo porque se houvera de portar um cavalleiro? (*Batem.*)

ABEN-HAMET

Ao menos morreremos juntos!

ZORAYMA

Allah! não quizeste fugir! o que será de nós?

ABEN-HAMET

Dize uma palavra só!

ZORAYMA

É tarde o que poderás fazer.

ABEN-HAMET

Dize: irás?

ZORAYMA

Irei!

ABEN-HAMET

Jura.

ZORAYMA

Não te basta a minha palavra.

ABEN-HAMET

Jura.

ZORAYMA

Por Mafoma. (*Ibrahim abre a janella: Zorayma com terror.*) Que fazes?

ABEN-HAMET, *da janella.*

No jardim do serralho—á meia noite! (*Precipita-se.*)

SCENA III

AYXA, ZORAYMA, *comitiva.*AYXA, *baixo.*

No jardim do serralho! á meia noite!

ZORAYMA, *procurando encobrir a agitação.*

Certo, Senhora, que vindes bem acompanhada! Deverei suppôr que vindes para uma simples visita quando tão extraordinario sequito vos acompanha?

AYXA

Não vos atemoriseis, minha filha. Disseram-me que um estranho se havia introduzido em palacio: a quem procuramos. Não o vistes acaso?

ZORAYMA

Não sei de quem fallais.

AYXA

É que o não vistes. E de mais quem se atreveria a penetrar no Harem em risco de vida? não serieis vós

quem houvesseis de o consentir : illusão foi dos que m'ò disseram ou algures o teriamos encontrado. Não tratemos delle : — tenho tambem que fallar vos, Zorayma; permiti pois que vos roube alguns momentos. Convém que estejamos sós. (*Faz signal que se retirem.*) Sentemo-nos.

ZORAYMA

Tendes muito que me dizer ?

AYXA

Não vos impacientes, é quasi um nada. Sentai-vos, minha filha.

SCENA IV

AYXA e ZORAYMA

ZORAYMA, *sentando-se.*

Eu vos escuto.

AYXA

Viveis por assim dizer fechada dentro do vosso Harem, e o que fóra d'aqui se passa deve de offerecer poucos attractivos a vossos olhos. Tendes assim toda a desculpa, se ignorais porque tormentos passamos, e em que funestas circumstancias nos achamos ás vezes — nós a quem ou a sorte ou a necessidade incumbiu de reger os destinos dos povos.

ZORAYMA

Pouco entendo das vossas razões, senhora : cançame e não me interessam.

AYXA

Não vos cançarão, minha filha, hão-de até interessar-vos quando souberdes que se trata da salvação do reino e do throno de vosso esposo.

ZORAYMA

E compete-me a mim, ou estará em meu poder salvar-o ?

AYXA

A vós talvez mais do que ninguém. Os hespanhoes marcham sobre nós vangloriosos de alguns triumphos passageiros, que têm alcançado ; e o desacoroçoamento começa a lavrar entre os nossos guerreiros. Boabdil ama-vos, apaixonada, loucamente, mais do que um rei póde, mais do que deve.

ZORAYMA

Senhora !

AYXA

Eu vol-o repito. Mais do que póde, mais do que deve ; porque de que serve ser rei, senão para ser superior ao commum dos homens ? senão para contemplar de longe, de bem alto, as suas fraquezas, as suas vaidades, as suas ambições mesquinhas, que devem para elle passar desapercibidas ? Occupado de tantos e tão graves interesses, que todos os dias sollicitam a sua attenção, o amor para elle deve ser como uma dessas necessidades, que Allah quiz infligir a sua natureza para que o não semelhassem de perto. Mas amar como ama uma odalisca ! vêde se não seria isso um absurdo ! O seu amor deve ser a gloria das bata-

lhas, o poderio, o imperio sobre os homens, para isso foram creados; e para que um só momento elles se não distrahissem da sua missão sublime, mandou Allah que as odaliscas cingissem todo o seu amor entorno de uma fronte corôada de gloria, como um menino afagando as crinas de um leão, que por piedade o não dilacera.

ZORAYMA

Mas, Senhora, se o amor de Boabdil é tal qual o dizeis, se não convém que assim seja, por que lhe não ides vós mesmo dizer isso! Elle que é rei poderá melhor dar peso ás vossas razões, e seguir os vossos ditames.

AYXA

Porque, Zorayma? — porque julguei que estas razões valeriam mais passando por vossa bôca; porque julguei que vos não recusariéis dizer-lhe: « Estou que me pareceriéis melhor, muito melhor se de uma bandeira christã ganha por vós no campo de batalha, fizesseis um turbante para sobre ella assentar a vossa corôa, que vacilla mal firme no vossa cabeça. »

ZORAYMA

E quereis que eu lhe diga isso?

AYXA

Certo o quizera e tanto contava com o vosso auxilio, que mandei avisar meu filho em vosso nome de que lhe querieis fallar.

ZORAYMA

Vós, Senhora?

AYXA

Eu, sim; pois não fiz bem em contar comvosco?

ZORAYMA

Muito mal.

AYXA

Pois que! não lhe haveis de fallar! ou fareis acaso fechar as vossas portas ao vosso rei que vos honra em visitar-vos?!

ZORAYMA

Grande honra, Senhora. (*Bate no tympano.*)

AYXA

Que fazeis?

ZORAYMA

Mando abrir de par em par as portas dos meus aposentos para que seja recebido com quanta honra me rece — mas não lhe direi senão...

AYXA

Senão o que, minha filha?

ZORAYMA

Que elle é o rei e senhor!

AYXA

Não me comprehendereis nunca, Zorayma! Não vêdes que algum motivo ha para que vos falle com tanta brandura? Não percebeis que eu, acostumada a mandar, não desceria a supplicas senão com a certeza de ser obedecida?

ZORAYMA

Quereis que vos diga por fim o que percebo, Se-

nhora? — percebo não sei que surda ameaça murmurando em vossas palavras cheias de brandura: percebo que simulais a força e o poder que não tendes, — que pretendeis afastar Boabdil para reinar em vez d'elle, percebo tudo isto: dispensai-me pois de acrescentar cousa alguma.

AYXA

Louca, quem estava neste aposento?

ZORAYMA

A rainha.

AYXA

Rainha! e eu, Senhora?

ZORAYMA

Já o não sois.

AYXA

Imprudente, que se me aprovesse agora... (*Mais baixo.*) Que ia eu fazer? — Eu vol-o supplico, Zorayma: fazei o que vos peço — um simples pedido — que vos custa? Talvez suppondes incrível como este sceptro, que os reis de Granada sustentaram por tanto tempo, haja de cahir no momento em que d'elle vos apossais.

ZORAYMA

Nada mais vos digo.

AYXA

Attendei-me. Sabeis se alguma cousa me custou pôr a corôa na cabeça de meu filho, e sental-o no throno de Granada. — Luctei contra seu pai que era um homem poderoso, um guerreiro, um rei — luctei e

venci! — Vêde agora se para conservar esta corôa e este throno empregarei menos esforços do que para ganhá-lo; ou se recuarei diante de uma mulher mais fraca, mais inexperiente que eu.

ZORAYMA

Fazei o que vos aprouver!

AYXA

Assim pois quereis ter-me por contraria?

ZORAYMA

Antes que por amiga.

SCENA V

OS MESMOS e um EUNUCHO entra e curva-se.

ZORAYMA

Falla.

O EUNUCHO

Rainha, o rei se approxima!

ZORAYMA

Que se abram todas as portas. (*Bate no tympano, entram as odaliscas.*)

AYXA

Ainda uma vez, Zorayma!

ZORAYMA

Ainda uma vez, Senhora, eu vos digo que tanto valem para mim os vossos rogos, como as vossas ameaças.

SCENA VI

BOABDIL, AYXA, ZORAYMA

BOABDIL

Zorayma, sempre bella e meiga como a luz do romper d'alva, aqui me tens a teus pés. Doces me são estes momentos que passo contigo, nem horas mais felizes me correram nunca na ampulheta da vida.

AYXA

Nem me viu!

ZORAYMA

Senhor!

BOABDIL

Porque sempre essa palavra? Se algum de nós obedece, não és tu! se alguém manda aqui não sou eu! Bem o sabes, és a minha rainha e senhora; outros desejos nunca tive que ver-te feliz! — outra ambição que o teu amor!

AYXA

Allah vos guarde, meu filho!

BOABDIL

Vós aqui!

AYXA

Importuna-vos a minha presença?

BOABDIL

Nunca, Senhora; nem podia ser esse o meu pensamento. Sei quão pouco sympathisam os vossos ge-

nios, em quanto seria eu bem venturoso se vos pudesse ver unidas, vós — a pessoa que mais respeito — e Zorayma a quem mais amo.

ZORAYMA

Era o que me dizia vossa mãe!...

BOABDIL

O que?

ZORAYMA

Que me amaveis louca e apaixonadamente.

BOABDIL, á *Ayxa*.

Dissestes isso?

AYXA

Disse-o!

BOABDIL

E dissestes a verdade. (*A Zorayma*.) Não acrediteaste em suas palavras?

ZORAYMA

Como não acredital-as com suas sobradas provas do vosso amor! Mas — é vossa mãe quem falla! — Senhor, um rei não pôde não deve amar assim! — Nada mais faço que repetir as suas palavras.

BOABDIL

Por Deos, Senhora, que ainda dissestes a verdade, quando as mulheres discorrem sobre os deveres de um rei, que resta a um destes senão amar como se fosse mulher?

AYXA

E é isso o que vos perderá, Boabdil! — Todo entregue a effeminados deleites mais do que o comporta a

autoridade de um monarcha, não sentis que a terra em que pisaes vacilla debaixo dos vossos pés, nem vêdes os hespanhoes, que vem correndo pressurosos para desthronar-vos, arrancando-vos a corôa mal firme na vossa cabeça.

BOABDIL

Senhora, por uma descuidada condescendencia de que mil vezes me tenho arrependido, consenti em levar mão de uma corôa para satisfação do vosso orgulho; soffri o imperio da vossa vontade, por tantos sacrificios como os que já haveis feito por mim, não pude recusar-vos o unico prazer que vos podia dar cumprindo os vossos desejos. Foi isto assim não o nego, nem o quero negar! O primeiro juiz das nossas acções somos nós! e quem quer que se arroja a censurar-nos, porque vivemos não como elles querem mas como melhor nos parece, incorre em pena capital! São estes os nossos direitos, que faremos respeitar por todos, quem quer que sejam, e ainda mesmo por vós!

AYXA

Fazei-o Sr., que vos podereis gloriar de ter aomesmo tempo decapitado o throno de Granada!

BOABDIL

Quero lembrar-me de que sois minha mãe, e só vos digo, que jámais consentirei em repartir com pessoa alguma o poder que aprouve a Allh confiar-me: podeis gravar estas palavras na vossa memoria. — Não vos detenho mais!

AYXA

Eu me retiro, — mas antes quizera dizer-vos duas palavras.

BOABDIL

Fallai.

AYXA

Quizera que estivessemos a sós!

BOABDIL

De tanta importancia é o que tendes a communicar-nos!

AYXA

Vós o julgareis. (*Boabdil fica como irresoluto.*) Despedi-as senhor!

ZORAYMA

Se me permittis...

BOABDIL

Sim, Zorayma: por um momento apenas: já te sigo. Adeos. (*Zorayma sahe*) — (*á comitiva.*) Ide-vos! (*Sahem.*)

SCENA VII

BOABDIL e AYXA

AYXA

Extremamente delicado é o que tenho para vos dizer, Boabdil; nem eu sei como vol-o diga — Attendei-me e vêde se o podeis conjecturar das minhas palavras!

BOABDIL

Dizei-o logo, Senhora!...

AYXA

Que farieis se uma grande desventura vos acontecesse?

BOABDIL

Não vos demoreis por quem sois!

AYXA

Não a saberieis supportar com resignação? Não vos saberieis aproveitar dos males que Allah vos mandasse para vosso bem?

BOABDIL

Sou rei; podeis fallar.

AYXA

Tende coragem, meu filho!

BOABDIL

Ha um seculo que vos estou escutando!

AYXA

E se essa desventura não dissesse respeito ao vosso throno, mas ao vosso coração; se dissesse respeito não ao vosso imperio, mas ao vosso amor?

BOABDIL

De quem fallais, Senhora.

AYXA

Não o adivinhais?

BOABDIL

Ouvi. — Sois minha mãe; — comtudo objectos ha para mim tão sagrados que quem quer que nelles ouzasse tocar ainda de leve, mesmo vós, não incorreria em menor indignação da minha parte, que o impio que em minha presença blasfemasse do nome do propheta. — Agora podeis continuar!

AYXA

Boabdil, quando abriste os olhos á luz da vida, a unica pessoa que velou sobre a tua infancia desvalida, fui eu: — quem sempre e incessante te protegeu, quem te elevou á posição em que te achas agora — fui ainda eu, nem desses extremos me peza, porque se eu pudesse scismar melhor grandeza, se a podessem executar forças de creatura humana, eu o teria feito por ti, que és meu filho, e a quem amo mais do que a mim propria, mais do que talvez o imaginas. Pois em recompensa desse amor nunca desmentido, e desses desvelos aturados, dessa solicitude constante, — eu t'o supplico, varre da tua alma a lembrança dessa mulher, que te não merecia o teu amor; e não esqueças, que para te consolar da sua perda ainda te fica a ambição da gloria e o poderio da magestade.

BOABDIL

Escuto as vossas palavras como um som confuso de que se não póde perceber cabalmente o sentido. Parece-me que estais dizendo cousas estranhas, monstruosas, impossiveis, a que a minha intelligencia recusa prestar-se. Explicai-vos: que mulher é essa de quem fallais?

AYXA

Revesti-vos de toda a vossa coragem, meu filho, mostrai que sabeis soffrer quando Allah permite que seja vossa mãe quem vos dê tão fundo golpe, para que ao mesmo tempo derrame balsamo sobre a ferida do vosso coração.

BOABDIL, *querendo occultar a sua agitação.*

Por minha, alma! Não me vêdes aqui socegado,

tranquillo á espera das vossas palavras? Não sei que antipathisais com Zorayma? Vossa imaginação vos terá illudido — ter-vos-hão enganado.

AYXA

É Zorayma de quem fallo.

BOABDIL, *vivamente.*

Mas o que disse, o que fez, que crime lhe podeis imputar? (*Mais pausado, mas muito agitado.*) Bem vêdes: nada tenho de cioso — estou tranquillo, descansado, indifferente: bem sei que Zorayma é fiel, mas se ella me trahisse!...

AYXA

Ella vos atraição.

BOABDIL

Zorayma!

AYXA

É infiel.

BOABDIL

As provas?

AYXA

Eu o ouvi.

BOABDIL

Quem ouvistes?

AYXA

Achei um homem aqui fechado a conversar com ella.

BOABDIL

É falso: se um amante aqui estivesse, ella não me quizera na sua presença. Foi ella quem me mandou chamar.

AYXA

Fui eu, ella nada sabia.

BOABDIL

Fostes vós!... — Quem era esse homem?

AYXA

Não o vi: estavam fechados!

BOABDIL

E não reconhecestes a voz?

AYXA

Tambem não.

BOABDIL, *com explosão.*

E não tremestes, Senhora, de vir dar semelhante noticia sem me offerecerdes no mesmo instante largo pasto á minha vingança! E dizeis que sois minha mãe, que velais sobre mim, que velais sobre a minha tranquillidade! Um homem no meu serralho! vós o ouvistes, e não chamastes os meus guardas, não fizestes arrombar as portas, não o assassinastes! Certo que eu vol-o agradecera: e vindes fria e calculadamente atormentar-me, quando não posso adivinhar quem seja o infame que assim me ultraja, quando não me vale ser rei para vingar-me!

AYXA

Ainda pude ouvir estas palavras: Á meia noite, nos jardins do serralho!

BOABDIL

Ainda bem! (*Bate no tympano.*)

AYXA

Que fazeis?

BOABDIL

Nada. (Ao pagem que entra.) Procura Aben-Hamet por toda a parte até que o encontres; dize-lhe que lhe preciso fallar — que o espero: vai, — não te demores!

AYXA

Assim vais communicar a um estranho, que mal conheces, um segredo que faria cahir a cabeça de quem quer que o possuisse!

BOABDIL

Aben-Hamet é meu amigo.

AYXA

De que data? Um forasteiro, talvez mercenario que encontraste no campo de batalha: — sabes quem é, donde vem — que familia é a sua?

BOABDIL

Aben-Hamet é meu amigo, Senhora, é meu amigo! Em verdade que é inconcebivel o prazer que tendes de me contrariar em tudo, de mirrar as minhas affeições as mais queridas! Basta que os meus olhos procurem uma creatura, que o meu coração se incline a uma affeição agradavel, tenho logo a certeza de que vos hei de encontrar quando menos o espere!

AYXA

Pobre filho! sangra-te ainda o coração da ferida que recebeste, e sobre mim recahe toda a tua colera! Não me poupes, não! desabafa comigo todos os teus sentimentos, derrama no meu peito todas as tuas dôres, e mitiga o pezar dessa illusão que perdeste, desse amor que tão pouco te merecia!

BOABDIL

Já a não amo!

AYXA

Bem, meu filho! — Se já a não amas, facil será esquecer-a! Outros cuidados te devem occupar agora: empregar-te-has todo na segurança do teu reino, trabalho fastidioso, mas que sempre interessa por fim! Não me escustas?

BOABDIL, *pensativo.*

Zorayma infiel!

AYXA

Ainda lembras desse nome?

BOABDIL

Lembro-me para vingar-me.

AYXA

Não, para esquecer-a; és rei e deves saber perdoar!

BOABDIL

E soffro eu menos porque sou rei?

AYXA

Não, mas tem mais vasta arena diante de si, deve ter outro animo, outras ambições, que a de ser amado por uma mulher! — Póde ser falsa a mulher que se ama, — póde ser trahidor o amigo que se preza sobre tudo, sómente a gloria é estavel e duradoura, vai crescendo com os annos, — e nem no sepulchro nos abandona!

BOABDIL

Tarda muito o pagem!

AYXA

És novo, corajoso, valente : que futuro o teu, se a tua espada tornasse a reluzir nos combates, se te aprouvesse procurar a gloria das batalhas !

BOABDIL

É tarde ! — Perdoai-me, careço de estar só. (*Ayxa sahe.*)

SCENA VIII

BOABDIL, *depois de largo silencio.*

Trahir-me — é absurdo ! impossivel ! Parece que a tinha neste momento diante de mim, que a vejo qual sempre a vi formosa e deslumbrante, pura nas palavras, meiga nos olhos, doce nos movimentos, a encantar-me, a arroubar-me com a sua modesta singeleza ! A fé que eu tinha em seu amor : a tranquillidade, o descanzo, a placidez que eu desfructava a seu lado, esses não voltam mais ! Não voltam, não ! — E era de outro ! toda de outro ! era, sim, que de outro modo como poderia eu soffrer tanto ! Eu dormia descuidoso em seu regaço sem que a sombra de uma suspeita me corresse o pensamento ! era feliz, porque amava, — feliz, porque acreditava em seu amor ! Agora me está cá dentro esta suspeita a torturar-me o coração ! Nenhuma certeza tenho, não creio, duvido ainda, mas a duvida — eis o que mata ! — E não hei de vingar-me ! Acabem-se estas suspeitas, — morra embora o meu amor ; porém o vil que me ultraja, acabe, morra tambem ! — Hei de saber quem seja, hei de alcançal-o

ainda que se esconda nas entranhas da terra, — e quando eu o colher ás mãos, quando o tiver em meu poder, — quando lhe puder contemplar as feições, e lér nellas toda a sua vileza !... Oh ! minha vingança, porque tardas tanto ? ! (*Batem.*) Entrai.

SCENA IX

BOABDIL, ABEN-HAMET

BOABDIL

Aben-Hamet emfim !

ABEN-HAMET

Aqui estou, Senhor.

BOABDIL

Approxima-te : — mais perto — escuta ; fui gravemente ultrajado !

ABEN-HAMET

Vós !

BOABDIL

Eu mesmo ! Quero vingar-me.

ABEN-HAMET

De quem Senhor ?

BOABDIL

De um homem !

ABEN-HAMET

Porque antes o não entregais ás vossas justicas ?

BOABDIL

A justiça sou eu!

ABEN-HAMET

E que vos fez esse homem?

BOABDIL

Ultrajou-me! Preciso do teu auxilio.

ABEN-HAMET

Fallai.

BOABDIL

Toma contigo os homens de que careceres: irás onde te eu mandar — prende os que lá encontrares...

ABEN-HAMET

Eu o farei, Senhor.

BOABDIL

Seja quem fôr, mesmo a rainha.

ABEN-HAMET

A rainha!

BOABDIL

É infiel. — Posso dizer-t'o a ti, que és meu amigo.

ABEN-HAMET

Zorayma?

BOABDIL

Já t'o disse: vai aos Jardins do serralho — á meia noite...

ABEN-HAMET

Céos!...

BOABDIL

Admiras-te! — Sim, tu que és generoso e leal não comprehendes como tanta baixaza se pôde occultar

em um coração de mulher! Admiras-te, porque não podes conceber como a pessoa em quem mais descansamos nos atraicõe cobardemente illudindo-nos, assassinando-nos com um sorriso!

ABEN-HAMET

Triste e penoso é o encargo de que me quereis incumbir!

BOABDIL

É uma prova de confiança: acceitas?

ABEN-HAMET

Senhor—quantos outros se não dariam por muito felizes, se lhe quizesseis confiar este mandado!

BOABDIL

E esses outros são meus amigos? — posso contar com a sua lealdade?

ABEN-HAMET

E que interesse teriam em trahir-vos?

BOABDIL

Ella porque o fez?

ABEN-HAMET

Senhor, desculpai-me: porque não ides vós mesmo; — talvez fosse isso melhor.

BOABDIL

Eu posso não saber conter-me quando os vir juntos: quero-os vivos — na minha presença — criminosos, tímidos—réos de morte—sem que possam negar o seu delicto.

ABEN-HAMET

Ainda uma vez, Senhor, desculpai-me...

BOABDIL

Ausenta-te : já não careço de ti.

ABEN-HAMET, *baixo*.

E não poder prevenir Zorayma! Boabdil vai encontrá-a. (*Alto*). Senhor, não se dirá que uma só vez careceste de mim e que eu me recusei a servir-vos. Estou ás vossas ordens.

BOABDIL

Irás?

ABEN-HAMET

Irei, Senhor.

BOABDIL

Prende a quantos lá encontrares : não deixes nenhum fugir, — não mates a nenhum, — a nenhum, entendes? a nenhum.

ABEN-HAMET

Sereis obedecido.

BOABDIL

Vai. (*Aben-Hamet sahe.*) Oh! se estas suspeitas fossem falsas!

ACTO III

ACTO III

Jardins do serralho. — Uma moita de rosas brancas á direita : caramanchões no fundo com sahida por ambas as extremidades : — vê-se por cima das arvores e do lado esquerdo a parte superior da Alhambra.

SCENA I

AYXA e MULEY

AYXA

Foi isto aßsim, Muley!

MULEY

E ousarei eu perguntar-vos o que vos disse o rei?

AYXA

Nada : mandou chamar a um desconhecido, um estranho, um aventureiro, — sei lá quem! — destas aves de boa nova, que apparecem em tempos de bonança, a quem o rei chama seu amigo.

MULEY

E sem razão, Senhora, são commissões de tal magnitude, que me parece que para ellas não ha prudencia de sobra, nem lealdade assás experimentada.

AYXA

Sem razão, por certo. — Mal fez o rei, e sou eu em

que me peze a primeira a confessional-o : pois não acharia elle entre os que o cercam homens leaes, prudentes, e experimentados, de quem se podesse em toda a segurança confiar? — Tu por exemplo, Muley!

MULEY, *despeitoso.*

Oh! não fallemos de mim, Senhora! Quem sou eu para que por um momento se dignassem de abaixar sobre mim os olhos do meu soberano? Alguns serviços lhe tenho prestado, é verdade, vós mesma o confessais: mas que monta isso?

AYXA

Tudo, e bem o provaria, se elle, melhor aconselhado, se quizesse guiar pelo apreço que de ti faço. — Mas podes nesta occasião vingar-te de seu menosprezo como se vingam os corações generosos. O mesmo acontecimento lhe fará ver, como espero, quanto vales, e por ventura que então te será feita justiça, como a mereces, e como eu de ha muito te faço.

MULEY

Sois bondosa para comigo Senhora, e se me tendes em tão boa conta, é por que me apreciáis não pelo pouco que sou, que nada valho, mas pelos meus desejos em servir-vos, que são muitos.

AYXA

Sabes o que te cumpre fazer?

MULEY

Vós m'ó dissestes.

AYXA

Ainda t'ó recommendo : distribue a tua gente em silencio e com cautéla, — que não façam rumor, que

não despertem a attenção : do contrario sahiriam frustrados os nossos planos.

MULEY

Descançai : — está isso feito.

AYXA

Bem : conheces o uniforme dos guardas do rei?

MULEY

Perfeitamente.

AYXA

Quem quer que fôr trajado por diversa maneira — seja preso impreterivel, necessariamente.

MULEY

Se resistir!...

AYXA

É criminoso : matem-n'ó.

MULEY

E o chefe? — não dizeis que é um desconhecido, um estranho? como o reconhecerei?

AYXA

Chama-se Aben-Hamet : elle dirá o seu nome.

MULEY

Se o disser?...

AYXA

Matem-n'ó.

MULEY

Matal-o-hei, Senhora: mas quem me protegerá contra a colera do rei?

AYXA

Eu.

MULEY

Sereis obdecida!

AYXA

Triumpharei! — Isento deste amor que o deslustra, Boabdil terá tempo de ser rei, e os hespanhoes o encontrarão á frente dos nossos exercitos. Allah permittirá que elles sejam vencidos, e Granada é salva.

MULEY

Salva, — ainda não; alguns cavalleiros de Calatrava foram vistos hontem a descorrer como que explorando o terreno, e dizem os que os viram bem de perto, marchando em silencio para melhor nos surpreenderem.

AYXA

É verdadeira essa noticia?

MULEY

É má, rainha; ha de ser verdadeira, além de que as Atalalias dão rebate do inimigo em nossas terras.

AYXA

As nossas muralhas são fortes, teremos tempo de realizar o nosso intento: vai, sê diligente. (*Sahe Muley e Ayxa apoz elle por outro lado*).

SCENA II

ALHAMUR, ABEN-HAMET

ALHAMUR

Onde vais, Aben-Hamet.

ABEN-HAMET

Onde me levam meus passos.

ALHAMUR

Attende!

ABEN-HAMET

A nada attendo.

ALHAMUR

Escuta.

ABEN-HAMET

Não.

ALHAMUR

Louco! que esperas encontrar aqui?

ABEN-HAMET

O amor!

ALHAMUR

A morte.

ABEN-HAMET

Embora, hei de cumprir meu fado!

ALHAMUR

Vêla nas trevas o punhal: seguro e firme o assassino escolhe o logar da ferida, calcula o golpe para o desfechar traiçoeiramente!

ABEN-HAMET

Fira embora.

ALHAMUR

Não dorme nunca a vingança, Aben-Hamet: tu offendes ao rei—teme—teme a sua colera!

ABEN-HAMET

Oh! pudesse este coração não ter outro sentimento senão esse, pudesse minha alma não ter outro pensamento senão o ignobil receio da morte! Por grande que elle fosse, verias Alhamur, verias que fragil bar-

reira me seria a vingança implacavel do rei, comtanto que eu a podesse ter um momento nestes braços—um momento só—que a podesse suffocar de amor, de desespero e de ciumes, e arrastal-a comigo á presença de Allah tingida no seu e no meu sangue.

ALHAMUR

Pois que outro receio podes ter?

ABEN-HAMET

O de infamar-me!— A unica esperanza que me alumiaa, o fim unico da minha vida — roubaramos!

ALHAMUR

Como! explica-te!

ABEN-HAMET

Vais saber tudo! Quando ha pouco fallava com Zorayma no seu aposento, sentimos o rumor de passos que se approximavam. Agora penso que talvez me procurassem, porque o rei a crê infiel, sem saber comtudo quem seja o seu amante. Então não me occorreu tal pensamento. Zorayma, que até ali se tinha mostrado orgulhosa e sobranceira tornou-se humilde e supplicante, e metade a instancias — metade a ameaças jurou por Mafoma de não faltar a esta entrevista. Era preciso retirar-me : a porta estava tomada, precipitei-me pela janella.

ALHAMUR

Desgraçado!

ABEN-HAMET

Nada me aconteceu. — Já me retirava a esperar que fossem as horas marcadas, quando um pagem do rei me trouxe uma mensagem da sua parte requerendo-me á sua presença!

ALHAMUR

Sabia tudo!

ABEN-HAMET

Nada sabia! nem eu me assustei com isso : Se o rei alguma cousa houvesse suspeitado, haveria de me ter mandado alguns soldados que me prendessem, antes que um pagem com um simples recado. Obedeci.

ALHAMUR

E viste-o!

ABEN-HAMET

Vi-o. Sombrio, carrancudo, avaro de palavras, desordenado nos gestos, pude ver quão grande tempestade lhe ia lá por dentro empolando as ondas d'aquella alma irascivel e ciumenta! Vi-o e folguei! Soffri como um prazer que me retalhava o coração, mas que eu dera a minha vida por tornar a sentil-o, quando o vi tambem ralado por aquelles affectos, que são ha tanto o meu alimento de todos os dias. Tive remorsos depois.

ALHAMUR

E o que te disse o rei?

ABEN-HAMET

Incumbiu-me de velar sobre a sua honra!

ALHAMUR

E acceitaste?!

ABEN-HAMET

Estou aqui!

ALHAMUR

Tu, Aben-Hamet.

ABEN-HAMET

Bem o vês.

ALHAMUR

Se de um Abencerrage me contassem que elle houvesse trahido a confiança de um homem, quem quer que elle fosse — peão ou cavalleiro — rico ou pobre — poderoso ou fraco — não ou crêra nunca. Mas quando todos o praticassem jámais o acreditára de ti, Aben-Hamet, se neste mesmo instante não estivessem meus ouvidos escutando o testemunho vivo de quão diferente estás hoje do que foste noutro tempo.

ABEN-HAMET

Tens razão : o homem de quem foste amigo, morreu já : os sentimentos generosos que elle tinha, que elle alimentava como uma segunda crença — esses morreram tambem. — Perverteram-lhe a indole, seccaram-lhe o coração, poluíram-lhe a alma, — gastaram quanto nelle havia de bom : que estranhas pois ? — Vai — deixa-me lutar sósinho com o meu fado, quebra a nossa amizade, separa dos meus os teus destinos : sê feliz — adeos.

ALHAMUR

Desleal é teu comportamento, e todavia não te posso faltar nesta occasião para que se não diga que te abandonei na hora do perigo, quando precisavas de um peito que te servisse de escudo. Que fiques, que te retires—hei de seguir teus passos. Não queres talvez que se diga que esta amizade podia ser mais bem empregada.

ABEN-HAMET

Venceste, amigo, venceste! mas não será inutil o teu sacrificio, fallarei a Zorayma, pois que já me não é possivel evitar este colloquio. *Boabdil* salvou-a—dir-lhe-hei adeos e partirei para sempre : viva feliz

entre as galas e louçanias da côrte, que ella ama tanto,—viva feliz embora, e deslebrada de mim, que máo grado meu, jámais me poderei esquecer de que a amei!

ALHAMUR

Desditoso amigo!

ABEN-HAMET

Bem desditoso, sim; que para vingar-me daria a minha vida, a minha salvação talvez — e eis-me fraco, sem poder, sem forças, porque um homem depositou em mim a sua confiança. — Não, não o trahirei jámais. Separemo-nos ainda uma vez amigo — um breve instante sómente.

ALHAMUR

No emtanto velarei sobre ti.

ABEN-HAMET

Eil-a : ausenta-te! (*Alhamur sahe.*)

SCENA III

ABEN-HAMET e ZORAYMA

ZORAYMA, *entra lentamente : depois de alguns instantes de silencio.*

O que quereis, o que pretendeis de mim? (*Aben-Hamet permanece silencioso.*) Obrigastes-me por um juramento solemne a cumprir esta ordem vossa, e aqui vim ter em despeito de quanto me cerca, de quanto me ameaça, de quanto me devo a mim propria, ao meu estado, á minha condição. Aqui vim ter, affrontando perigos e obstaculos, usando fingimento e

disfarce, palpando cautelosamente as trevas, temendo ao minimo arruido, ao minimo som que feria os meus ouvidos. Aqui vim ter, envergonhada como uma criminosa, e mil vezes arrependida de ter posto a minha confiança em vós, que tão pouco a merecieis. (Pausa.) Vim tambem para dizer-vos, Aben-Hamet, quão pouco digno foi o vosso comportamento, e quão deslealmente vos haveis portado para comigo. Julgava eu que carecieis do meu valimento ou que em alguma cousa vos podia ser util; porém jámais cuidei que me arrependeria de vos conceder esta entrevista que com tanto risco me pedieis. E o que fizestes vós, Aben-Hamet, esquecesteis-vos de todas as leis da cavallaria, e vos aproveitastes d'aquelle ensejo para me impôr uma condição tão odiosa, que della me envergonho, acreditai-o, mais por vós do que por mim. Era isto o que me pezava sobre o coração, e que me importava a mim dizer-vos Ibrahim, para que fiqueis sabendo em que conceito vos tenho desde então.

ABEN-HAMET

Se algum de nós devesse curvar-se de joelhos pedindo perdão de culpas em que pudesse ter cahido para com o outro, não julguei nunca que esse fosse eu! Ainda ha pouco ardendo em colera, louco d'aquelle amor que me inspirastes, era o meu só desejo vingar-me, apagar em sangue o furor de meu ciume, porque antes vos quizera ver morta, apunhalada a meus pés, do que saber que ereis feliz nos braços doutro. — No emtanto, Zorayma, sou eu quem vos peço perdão, e esquecimento do passado.

ZORAYMA

Confessais que não fostes cavalleiro! eu vos perdôo.

ABEN-HAMET

Peço perdão de vos haver compromettido.

ZORAYMA

A mim?

ABEN-HAMET

A vós mesma : o rei sabe da nossa entrevista.

ZORAYMA

Foge, desgraçado!

ABEN-HAMET

Ah! tu me perdôas!

ZORAYMA

Se soubesses como é terrivel a colera de Boabdil, como é cioso e desconfiado no seu amor!

ABEN-HAMET

Nada temas. Fui eu a quem elle incumbiu de vigiar os teus passos.

ZORAYMA

A vós, Senhor! e acceitastes!

ABEN-HAMET

Para te salvar.

ZORAYMA

Depois de me haver atraídoado!

ABEN-HAMET

Não vos ireis contra mim, Zorayma : apenas temos alguns momentos, e eu preciso delles para explicar o meu proceder, porque ainda renunciando ao vosso amor, não quero desmerecer para comvosco. Se vos amei, prova-o a minha vida inteira desde o instante em que vos conheci, o meu voluntario degredo, a

minha presença nestes logares. — Entre as cicatrizes do meu corpo talvez podesseis encontrar algumas menos gloriosas...

ZORAYMA

Ibrahim!

ABEN-HAMET

Não vos accuso. Digo-vos estas cousas porque parece que haveis deslembado o meu amor e bem sabeis se eu vos amava! Imaginai, Zorayma, imaginai agora que terrível me não foi aquelle momento, quando eu tranquillo, e seguro da vossa lealdade como de mim mesmo, ouvi que já ereis de outrem! O que fiz então não sei, — o que senti em que o quizesse não vol-o poderia dizer! Tornado a mim d'aquelle espasmo de dôr que me tinha como alienado de mim mesmo, pensei que mais valera não vos tornar a ver, deixar-vos entregue aos vossos remorsos, se os — podesseis sentir, se recordações minhas alguma hora vos assaltassem! (*Zorayma quer interrompel-o.*) Não me interrompais! Tanto tempo soffri comigo que sinto agora não sei que amargo prazer em avivar as feridas do meu coração, que ainda goteja, e em vos dizer pela ultima vez que eu vos amava, como nunca foi amado ouri do propheta. — Muitas vezes do alto das Alpujarras vi correr na planice as hostes hespanholas, os cavalleiros de Aviz e S. Thiago, — tremulavam as bandeiras aos ventos, soavam trompas e clarins, o meu corsel nitria, — e eu no emtanto indifferente áquelle magestoso espectaculo que tantas vezes antes me arrebatava, pondo a mão sobre o coração me convencencia — ai com que dôr! — que melhor que as espadas castelhanas me havia morto a vossa indifferença! Se estou aqui, não é minha a culpa, — mandei

o ramo não sei como, — fui á entrevista irreflectida!... irresistivelmente, — não vos apunhalei não sei porque.

ZORAYMA

E tivestes esse pensamento?

ABEN-HAMET

Admiras-te?

ZORAYMA

Não, que antes o houvesses praticado.

ABEN-HAMET

Zorayma!

ZORAYMA

Antes, sim; que não me obrigarias a commetter este passo, com que fico parecendo criminosa aos olhos de todos, e de mim propria me envergonho.

ABEN-HAMET

Perdôa-me, não foi essa a minha intenção. — Quando no meio das gallas da tua côrte saboreasses a longos tragos o perfume da realza, eu quizera sómente que os teus olhos me descortinassem n'um canto, quasi nas trevas, sombrio, carrancudo, arguindo-te com o meu silencio, ameaçando-te com a minha presença — isto só — e que então te vexasses comigo mesma, e que por fim conhecesses quão pouco vale o throno, que se adquire a custo de um perjurio. Se conseguisse intornar uma gôta de absynthio na taça dos teus prazeres, — esta só vingança me bastava. — Mas desejar procurar que uma nodoa infamante manchasse a reputação da mulher, que uma vez julguei digna do meu amor, não, nunca foi meu tal pensamento. Involuntariamente te causei todo este damno, perdôa-me, adeos!

ZORAYMA

Partes ?

ABEN-HAMET

Para sempre.

ZORAYMA

Para onde ?

ABEN-HAMET

Para longe.

ZORAYMA

Quando ?

ABEN-HAMET

Cedo — tanto que o poder — talvez amanhã, talvez esta noite.

ZORAYMA

E se eu te revelasse um segredo.

ABEN-HAMET

Guarda-o contigo.

ZORAYMA

No ultimo momento em que nos temos de ver, ser-me-hia demasiadamente penoso ficar com uma cousa sobre o coração, que a ninguém mais posso communicar. Vou dizer-t'a, Ibrahim.

ABEN-HAMET

Não a quero saber.

ZORAYMA

Quero-a eu dizer, porque se no teu desterro te póde ser de alguma consolação saber que sou desditosa, que vivo amargurada, — alegra-te, pouco terás de soffrer.

ABEN-HAMET

Tu infeliz, Zorayma ? !

ZORAYMA

Soffro porque fui obrigada, constrangida a pertencer a outro, e no emtanto agora me está parecendo que com mais algum esforço o poderia ter evitado ! Soffro como nunca soffreste, porque sou culpada a teus olhos, soffro porque a cada dia, a cada hora, a cada instante, sou obrigada a compôr o meu semblante, a dizer palavras que não sinto, a sorrir-me quando minha alma se despedaça, — a ouvir protestos de amor, a que devo responder com afagos, quando me está pedindo o coração de cahir-lhe aos pés e de pedir-lhe entre soluços que me não assassine mais com as suas palavras. (*Chorando no seio de Aben-Hamet.*)

ABEN-HAMET

Anjos de céu ! onde estão os meus soffrimentos que já os não sinto agora ?

ZORAYMA

A ti, a ti só amo, a ti só quero, a ti só desejo sempre : tua foi sempre minha alma, teu meu coração, a minha vida é tua ! Foi teu — o meu primeiro suspiro de amor, os meus extasis, os sonhos da minha juventude. Será teu o ultimo pensamento da minha alma, o ultimo som dos meus labios, o ultimo lampear dos meus olhos, o ultimo arfar do meu coração. Meus desejos, minhas saudades, meus pensamentos, minha vida, minha morte, são teus, sou tua !

ABEN-HAMET

Allah ! porque me não fulminas neste momento ? !

ZORAYMA

Repelle-me dos teus braços, que não tenho forças para me tirar delles ! Parte, parte, sem demora, —

deves partir, bem o vês. Puz-me á mercê da tua honra, e não te poderia resistir depois desta confissão. Sou mulher, sou fraca e te amo!

ABEN-HAMET

Insensata! queres que eu parta, e dizes-me essas palavras que me enlouquecem, e apertas-me contra o seio que me abrasa, e encostas o teu rosto ao meu para que eu veja os teus olhos, e sinta o teu halito, e encontre os teus labios!

ZORAYMA

Piedade! compadece-te de mim! (*Ouve-se rumor.*) Céos!...

ABEN-HAMET

O que te assusta?

ZORAYMA

Rumor, — não ouviste?...

ABEN-HAMET

Nada ouvi!

ZORAYMA

Ali n'aquella moita de roseiras.

ABEN-HAMET

Foi illusão.

ZORAYMA

Um som de passos, ouvi distinctamente.

ABEN-HAMET

Não vês como tudo dorme? corre a noite serena, não luz uma estrella — tudo repousa — tudo dorme, — sómente a viração da noite sussurra na folhagem. Vem, Zorayma : estamos sós, — ninguem nos ouve, — ninguem nos vê.

SCENA IV

Os MESMOS e ALHAMUR!

ALHAMUR, *entrando precipitadamente*

Foge! foge!

ZORAYMA, *coabrindo o rosto com o véo.*

Ah!

ABEN-HAMET

Que temes Alhamur?

ALHAMUR

Armaram-te uma horrivel cilada, o jardim está cheio de guardas.

ZORAYMA, *desfallecendo.*

Eu morro!

ABEN-HAMET

Zorayma! Zorayma!... sem sentidos... Depressa, Alhamur, sahe-lhes ao encontro, que não cheguem até aqui. (*Alhamur sahe.*) Zorayma!... véo maldicto! (*Arranca o véo e lança-o por terra.*) torna a ti! Maldição divina! eil-os que se approximam!

ZORAYMA

Quem me chama!

ABEN-HAMET

Sou eu, — Ibrahim.

ZORAYMA

Ah!... fujaamos! fujaamos!

SCENA V

MULEY HASSAN — ZEGRIS

MULEY

Então o cavalleiro?!

UM ZEGRI

Fugiu.

MULEY

Cobardes! tantos contra um e o deixastes fugir!

O ZEGRI

Mas se era um Abencerrage.

MULEY

Estás certo disso?

O ZEGRI

Marlota branca!

MULEY

Bem : onde estavas tu?

O ZEGRI

N'aquella matta de roseiras!

MULEY

Um véo! (*Depois de ter examinado.*) Oh! fort nau
(*Guarda-o no seio.*) E ouviste?

O ZEGRI

Quanto diziam.

MULEY

E viste? /

O ZEGRI

Beijavam-se.

MULEY

Muito bem. (*Ouve-se estrepito de armas.*) Vê que
arruido é aquelle. (*O zegri sahe.*) O véo de Zorayma!
certo que não perdemos tudo.

SCENA VI

ABEN-HAMET, MULEY e SOLDADOS

ABEN-HAMET

A tua espada!

MULEY

A minha espada! tens acaso direito para m'a pe-
dires.

ABEN-HAMET

Estás preso!

MULEY

Á ordem de quem?

ABEN-HAMET

Do rei.

MULEY

Mas de que me accusam?

ABEN-HAMET

De te haveres introduzido furtivamente nos Jardins
do serralho.

MULEY

Mentiram.

ABEN-HAMET

Talvez!

MULEY

Provo-o.

ABEN-HAMET

É inutil.

MULEY

Tomai a minha espada, cavalleiro, mas escutai-me. Esse a quem procurais foi a pouco encontrado pelos meus soldados.

ABEN-HAMET

Quem era ?

MULEY

Não sei ainda, mas havemos de descobri-lo.

ABEN-HAMET

Tanto melhor para ti.

MULEY

Ouvi-me!...

ABEN-HAMET

Sei quanto basta : levai-o!

ACTO IV

ACTO IV

Sala do julgamento.

SCENA I

BOABDIL, lendo.

« Senhor. — Percorri todos os Jardins do serralho,
« a ninguém encontrei senão Muley Hassan com
« alguns soldados, que parecia andar na mesma dili-
« gencia : prendi-o segundo a ordem que me deste e
« poderás interrogal-o. Elle affirma ter visto um indi-
« viduo que escapára á sua escolta. Por mim não
« creio que lá houvessem outros além delles e dos
« que me acompanhavam. Nada mais sei, nem vi.
« Tranquillisa-te, ó rei, Zorayma é innocente. *Aben-*
« *Hamet.* » — Nunca palavras mais amigas poderiam
pronunciar os teus labios, *Aben-Hamet* — nem me
poderias dar outra noticia mais agradavel. Bom
amigo, bem hajas tu que assim me isentas de cui-
dados avigorando-me este amor sem o qual me seria
a vida um martyrio insupportavel. Pobre Zorayma !
Cego e louco fui eu em dar ouvidos a mal fundadas
suspeitas, que por um momento enturvaram esse
brilho da existencia que me luz nos teus olhos; deve-
ria ouvir-te, mas a ti sómente, deveria crêr, mas só
em ti, que és as minha felicidade, e junto a quem não

tenho coração para soffrer, senão para amar! (*Bate no tympano.*)

SCENA II

BOABDIL, e um EUNUCHO

Dize a rainha que a espero, não — dise-lhe antes que eu desejaria fallar-lhe, que eu lho peço. (*O Eunucho sahe.*) Quanto amor, quantos desvelos me não serão precisos para apagar a lembrança de ingratidão tão feia? Oh! Zorayma, foi-me preciso cahir em tal fraqueza para conhecer quão fundamente imperas neste coração.

SCENA III

AYXA e BOABDIL

Venho pedir-vos justiça, Senhor, e espero que m'a fareis! Fui atrozmente insultada por algum dos que vos servem, e que dizia cumprir assim as vossas ordens: era impossivel ainda quando determinasseis quebrar o instrumento da vossa grandeza, não deverieis nunca rebaixal-o, porque seria rebaixar-vos a vós mesmo na minha pessoa.

O ser eu vossa mãe não é razão bastante para que os vossos escravos zombem e menosprezem o meu nome — para que me insultem impunemente na vossa côrte?

BOABDIL

Por Deos, Senhora, de que vos queixais?

AYXA

De que me queixo? Um homem em quem deposito a minha confiança, um guerreiro que ha tantos annos nos tem servido lealmente, a mim com os seus conselhos, e a vós com a sua espada e com o seu sangue, foi preso hontem á noite pelos vossos guardas, porque o julgaram suspeito! Julgaram-no suspeito, quando a estima que delle faço publicamente, e não de agora, deveria ser documento bastante da sua fidelidade para com o seu soberano! Ora acontece que pela primeira vez o meu nome foi pronunciado de balde em Granada — e é admiravel, Senhor, que isto aconteça logo no vosso reinado! Notai que entre mim e vós não é tão grande a distancia que vos julgueis seguro, quando principiam a desacatar-me!

BOABDIL

Quem é esse homem? — quando e porque o prenderam? dizei-o breve, que folgaremos de fazer justiça sobre esse quem quer que foi, que ousou offender-vos.

AYXA

Chama-se Muley Hassan: prenderam-no...

BOABDIL

Muley Hassan! foi preso nos Jardins do serralho, não é verdade?

AYXA

Assim foi.

BOABDIL

E dizeis que lá estava por ordem vossa?

AYXA

Por minha ordem.

BOABDIL

E o que fazia Muley Hassan nos Jardins do serralho hontem á noite?

AYXA

Velava sobre a vossa honra.

BOABDIL

Sobre minha honra!... Escutai-me, Senhora, e sejam estas as ultimas palavras que entre nós se hajam de pronunciar sobre semelhante assumpto. Em quanto vos contentastes de dispôr das substancias dos meus thesouros, das fortunas e vidas dos meus vassallos, de nomear governadores para todos os meus castellos e fortalezas, de nomear juizes para todas as alçadas, de levantar soldados e subsidios, de fazer paz ou guerra, como melhor vos parecia, — consenti que reinasseis em meu nome e que em tudó e por tudo obrasses livremente segundo o vosso talento. Consenti-o, ainda que por vezes dir-vol-o-hei por fim, ás vezes me doia n'alma de ver como contra mim se indispunham os meus vassallos, e que eu houvera de incorrer na censura de quantos actos vos lembrasseis de praticar. — Mas isto vos não bastava! quizestes sujeitar-me a um jugo de ferro, escravisar-me como um Nazareno, — não me permittiste mesmo aquillo que se permite aos homens das infimas classes, ao mais miseravel de todos — aquillo que nem o Cadi nos tribunaes, nem o Muezzin nas mesquitas podem tólher a crente algum — a liberdade de amar livremente. — Não me posso vingar de vós que sois minha mãe — mas pois que tivestes a imprudencia de escolher um cumplice!...

AYXA

Senhor!

BOABDIL

Dai-lhe o nome que vos aprouver! — Um homem que se encarregou de velar sobre a minha honra! — como se ella tivesse necessidade de ser guardada por esse modo e por homens taes como esse! — como se ella podesse ser manchada pelo que diz um espião ter visto ou ouvido para fins que devem ser bem infames, visto que carecem de tantos subterfugios. — Difficilmente me esqueço dos serviços que me prestam, mas tambem difficilmente perco a lembrança do que uma vez me offendeu! Percebeis isto?

AYXA

Não vos entendo.

BOABDIL

Digo-vos, Senhora, que ha segredos que matam, e que é perigoso o mister de confidente. — Não contente de me haverdes induzido ao mais deploravel de todos os erros, ides ainda assoalhando por quantas pessoas conheceis, que tive a fraqueza de vos querer, irrogando a uma pobre e inoffensiva creatura a mais cruenta injuria que se pôde fazer a uma mulher! E vindes pedir-me justiça quando fui eu o offendido, — vindes queixar-vos de um desacato, quando o desacato fui eu.

AYXA

Fostes desacatado, é certo, mas não menos razão tenho para me admirar da injuria que soffrestes que da vingança que pretendeis tomar! Como! por que uma mulher vos atração, julgais que sobre todos igualmente deve recahir a vossa colera — sobre mim

que vos revelo o engano em que vos tinham — sobre Muley, que não fez senão servir-vos lealmente ainda incorrendo no vosso desagrado?

BOABDIL

Ainda persistis na vossa accusação?

AYXA

Se persisto! E havia eu de retratar-me só para vos comprazer?

BOABDIL

Jurai-o!... Não, vós não! Hassan! — Guardas! (*Entram alguns soldados.*) Trazei Muley Hassan á minha presença. (*Os soldados sahem.*) Esse que o diga, que o affirme, que o jure; condemnada seja sua alma por toda a eternidade, e tão inexoravel lhe seja o propheta como eu que não hei de perdôar o seu crime.

AYXA

E condemnada seja eu tambem.

BOABDIL

Calai-vos, Senhora, calai-vos.

AYXA

Condemnada seja eu por toda a eternidade...

BOABDIL

Não tenteis a justiça divina!

AYXA

Se não ouvi distinctamente a voz de um homem que fallava com Zorayma, fechado a sós com ella no seu aposento.

BOABDIL

Allah! não lhe escuteis este perjurio!

AYXA

Louco! não vos disse eu que ouvi! — ouvi-os como vos ouço, e tão incrível me pareceu tal arrojo, como agora me parece a vossa cegueira! Mas se vos não bastam as minhas palavras, os meus juramentos, se preferis o testemunho de um miseravel, eu vos mostrarei aquelle dos vossos eunuchos que se incumbiu de levar o ramalhete do desconhecido, em que se pedia uma entrevista a Zorayma.

BOABDIL

E esse eunucho?

AYXA

Está preso.

BOABDIL

E ainda vive.

SCENA IV

Os MESMOS, UM PAGEM

PAGEM

A rainha!...

BOABDIL

Não entre, não quero vê-la, — não poderia supportar a sua presença.

SCENA V

Os MESMOS e ZORAYMA

ZORAYMA

Senhor!...

BOABDIL, *asperamen e.*

Que viestes aqui fazer?

ZORAYMA

Um recado que recebi de vossa parte...

BOABDIL

Mudei de vontade!

ZORAYMA

Retiro-me, senhor. (*Vai para sahir.*)

BOABDIL

Zorayma!... (*Ella volta-se*). Perdoai-me!

ZORAYMA

O que, senhor?

BOABDIL

Não era isso o que vos queria dizer! Não sei o que digo. — Escutai-me : não é o rei, é um amigo quem vos falla, respondi-me singelamente.

ZORAYMA

Eu vos escuto.

BOABDIL

Depois que Allah e vosso pai me deram possuir-vos, jurei a mim mesmo empregar todos os momentos da minha vida em cumprir os vossos desejos, em fazer-vos senão feliz, ao menos tão afortunada quanto uma mulher o podesse desejar.

ZORAYMA

Porque me dizeis isso, Senhor?

BOABDIL

Porque?!... porque talvez não tenha feito quanto me tinha promettido, quanto vós mesma poderíeis ter

esperado de mim. Por isso vos pergunto : Tendes encontrado no meu palacio o agasalho que esperaveis? Faltei jámais com as atenções que devo ao logar que junto a mim occupais, com os desvelos de um homem extremoso, com a solicitude que merece o vosso amor?

ZORAYMA

Sempre vos houvestes como um rei.

AYXA, *com voz surda.*

Como um nazareno!

BOABDIL, *depois de ter fitado Ayxa por alguns momentos.*

Como um nazareno, poderias dizer, Zorayma; por que foi entre elles que vi praticado aquelle trato gentil e honesto galanteio, que já o vosso amor me havia feito adivinhar. Não era muito tratar-vos como um rei, bem o vêdes. — Contente de vos amar, de vos possuir, — feliz e venturoso de vos ter a meu lado, de vos ouvir sempre, facil me seria esquecer-vos, por cuidar sómente da minha ventura, — de julgar-vos feliz e satisfeita só porque eu nada mais desejava!

ZORAYMA

Acaso me queixei eu?

BOABDIL

Não vos queixastes nunca : digo isto por dizer; sei que sois boa e generosa, mas já vol-o disse : Não é o rei, é um amigo quem vos falla, respondi-lhe francamente. Poderia alguma vez na nossa vida intima, sem querer, sem pensar, sómente porque algum cuidado me preoccupasse a fantasia, porque algum pensamento me estivesse dilacerando o coração, ter-vos

dito alguma palavra... talvez o não saibais?!... Ha palavras que se engastam n'alma como a ferrugem na lamina de uma espada : crescem, tomam corpo, avultam com o tempo, não se apagam, não se esquecem nunca. — Acaso vos disse eu algumas destas palavras — poderia ser — lembrai-vos !

ZORAYMA

Não; mas permiti...

BOABDIL

Ainda uma pergunta : tendes confiança no meu amor?

ZORAYMA

Senhor!...

BOABDIL

Bem vejo, duvidais!...

ZORAYMA

Nunca me deixastes duvidar.

BOABDIL

Bem. Assim que, Zorayma, se vos chegassais a persuadir de que vos era impossivel a felicidade passando a vida a meu lado... deixai-me concluir — se sentissemos brotar, enraizar-se em vossa alma um sentimento irresistivel por alguém ou por alguma cousa, terieis confiança em mim, não é verdade? Bem sei que os affectos não se governam : não ha contra elles vontade, nem esforços que valham. Nós outros os musulmanos muitas vezes nos desquitamos das nossas esposas, o que outros fazem por mero capricho, por que não o faria eu por amor? Sou bom, procuro ao menos ser bom para com todos, — e a vós Zorayma ainda que muito me custasse, ainda que me

fosse de grande sacrificio, o que me pedireis vós que eu houvesse de vos negar?!

ZORAYMA

Perdoai-me, Senhor, vejo que me tratais com a bondade que sempre usastes para comigo ; mas ha nas vossas palavras alguma cousa que não comprehendo. Se vos dignasseis de explicar-vos melhor!...

BOABDIL

Digo-vos que se assim vos houvesseis portado, seria esse comportamento de uma alma grande e generosa, que não sabe trahir a confiança de ninguém, nem postergar os seus mais sagrados deveres!

ZORAYMA

Rei, sou vossa escrava, porque insultais-me quando tão facilmente me podeis fazer morrer?

BOABDIL

E' ai de vós, Zorayma, ai de vós se vil e indignamente zombastes da minha credulidade! Ai de vós! porque eu mesmo com estas mãos, que só me peza de as não poder despedaçar porque tantas vezes vos apertaram contra o meu seio, convertido em odio o amor grande, que outr'ora senti por vós — aqui neste momento, com a primeira arma que no meu furor encontrasse... (*Arranca o punhal.*)

ZORAYMA, *com terror.*

Boabdil!

BOABDIL, *deixa cahir a arma : para Ayxa.*

Oh! ella é innocente! vêde que ella é innocente! Em vão mil sentimentos contrarios se debatem furiosos nesta alma, que os ciúmes, a colera, a vingança

tão cruamente despedaçam. Ainda retinem em meus ouvidos as vossas palavras, mas quando todo o mundo se alevantasse para me attestar a sua inconstancia, a sua infidelidade, um poder occulto que tão alto a defende no meu coração, eternamente me estaria clamando aqui dentro com voz que não posso deixar de escutar : Ella é innocente !

AYXA

Lembra-te do meu juramento.

BOABDIL

Pobre Zorayma ! Sabes de que elles te accusam ? de mil cousas monstruosas, nem eu mesmo sei dizer-te quaes sejam ! Defende-te, dize que nada viste, que nada sabes, acreditarei o que disseres. Não, nada digas ! Como podia por tanto tempo viver tranquillo, se tu me fosses falsa ! Como tanto prazer sentia de achar-me a sós contigo, se me trahias ! Nada digas : em tempos mais felizes por ventura que me agradecerás de haver eu sósinho acreditado na tua innocencia nesta dura provação porque passamos agora.

AYXA

O eunucho recebeu a grinalda, Muley Hassan os viu !

BOABDIL

Pois vós Muley Hassan, e eunucho, todos !... (*mu- dando de tom.*) Oh ! minha mãe, se soubesseis como eu vivia tranquillo antes que me viesseis despertar do meu lethargo ! se soubesseis como venturosos me corriam todos os instantes da vida ! não me virieis roubar este alegre engano d'alma, em que eu vivia tão ditoso e ha tanto tempo ! Embora fosse falsa, eu era feliz, que me importava o resto ?

AYXA

Rei fraco !

BOABDIL

Chamai-me antes cruel, Senhora ; porque se não me poderdes convencer a ponto que eu não possa duvidar da minha deshonra, lembrar-me-hei que sou rei para punir-vos, como esquecesteis que ereis minha mãe para me fazer soffrer tantos tormentos. Destes exemplos, e por motivos menos ponderosos, estão cheias as nossas historias. Fostes vós quem primeiro solicitastes a nossa justiça — ainda bem — que não tereis de queixar-vos se a torre que minais com tanto custo, desabar emfim sobre a vossa cabeça !

SCENA VI

Os MESMOS e um PAGEM

O PAGEM

Muley Hassan !

BOABDIL

Que entre.

AYXA

Emfim !

(O pagem sahe.)

BOABDIL

Vou saber a verdade !

ZORAYMA

Rei, fortes e poderosos são os meus inimigos, — eu sou fraca e só...

BOABDIL

O meu amor te defende.

ZORAYMA

Embora! Quando elles na vossa presença levantarem a voz para me accusarem, não serei eu quem lhes responda : não quero que diante de mim se acobardem, nem tomar-lhes o campo para as suas arguições.

AYXA

Ficai, rainha!

ZORAYMA

Vi-os muitas vezes affadigados armando laços a meus pés, — despondo-os cautelosamente para que nelles me embaraçasse. Poderia frustrar as suas maquinações, fazendo reverter sobre elles os damnos de que me ameaçavam. Era trabalho de mover o braço, ou quando muito de vos dizer uma palavra : nada fiz. Que me prestava isso? Esta vida minha tão cançada que vos pertence, se a não defendeis vós, Senhor, deixai-a que tambem eu a não defenda.

BOABDIL

Travo de lagrimas sinto eu nas palavras que me fallas : seja-me Allah testemunha de quanto ellas me pezam, melhor testemunha ainda de que te não hão de affligir impunemente. (*Zorayma sahe.*)

SCENA VII

BOABDIL, AYXA, MULEY HASSAN.

MULEY

Aqui estou Senhor.

BOABDIL

Approxima-te. (*Senta-se.*) Tens de me fazer uma denuncia.

MULEY

Rei, antes se poderam chamar revelações de um vassallo, que tem servido os primeiros cargos junto á pessoa de V. M.

BOABDIL

Escravo, um espião só denuncia.

AYXA

Embora, Senhor : maior obrigação lhe ficais devendo, se elle para bem vos servir não se recusou a descer tanto.

BOABDIL

A quem interrogo? — Sabes que alcance poderão ter as tuas revelações?

MULEY

Conjecturo.

BOABDIL

Sabes contra quem as dirigis?

MULEY

Sei.

BOABDIL

Sabes que estimo essa pessoa, que a amo, que a injuria commettida para com ella, reputarei feita a mim proprio?

MULEY

Tambem sei.

BOABDIL

Bem, agora escuta. Tenho provado a tua fidelidade, tens-me servido lealmente, mas apesar de tantos serviços, que castigo merecias tu se um dia me apontasses um alfanje ao peito?

MULEY

A morte.

BOABDIL

E terás a morte se eu descobrir a minima falsidade nas tuas asserções. Não creias que razões fingidas, allegações especiosas possam depois do teu delicto, apagar o meu justo resentimento, ou torcer a minha justiça. Serei inexoravel para com o culpado, seja quem fôr. Mas se preferes calar-te, retira-te. Julgarei que foste constrangido a praticar uma acção menos airosa para um guerreiro, e que melhor aconselhado te retractas. Serei indulgente em favor dos teus serviços, esquecer-me-hei do teu erro, perdôo-te.

MULEY

Senhor, morrerei satisfeito se ainda a custo do meu sangue vos puder convencer que sou verdadeiro e de sinteressado.

BOABDIL

Falla.

MULEY

Incumbido de rondar os Jardins do Harem, introduzi-me furtivamente para haver de observar o que ali se passasse.

BOABDIL

Sei isso!

MULEY

Um dos que me acompanhavam, ouviu alguns passos distante de si, duas vozes que conversavam naturalmente como seguros de que ninguem os espreitava.

BOABDIL

Que mais?

MULEY

Approximou-se não sentido ao bosque de roseiras brancas, e d'ahi protegido pelo reparo da folhagem pôde melhor ouvir o que conversavam.

BOABDIL

Que ouviu?

MULEY

Apanas algumas frases cortadas...

BOABDIL

Não bastam.

MULEY

Eram de sobra para convencer os mais incredulos.

BOABDIL

Que diziam?

MULEY

Palavras ardentes, juramentos, protestos de amor.

BOABDIL

Quem eram?

MULEY

O homem trazia uma comprida marlota, que lhe descia até aos pés. Não era facil distinguir-se-lhe o talhe do corpo.

BOABDIL

E a mulher! a mulher?

MULEY

Douda de amores, perdido o siso e o pudor se arro-
jara aos braços delle : apertavam-se, abraçavam-se
murmuravam nos ouvidos um do outro palavras in-
compreensíveis!

BOABDIL

Quem era a mulher?

MULEY

Apertados entre si estreitamente se afóra delles se
houvesse aniquilado o mundo, cegos, freneticos, como
se todo o fogo da eterna condemnação lhes ardesse
no peito.

BOABDIL

Basta! — Quem era a mulher.

MULEY

Beijavam-se entre suspiros e soluços...

BOABDIL

Cala-te!...

MULEY

Vós o sabeis, Senhor.

BOABDIL

As provas?

MULEY

Eil-a. (*Entrega-lhe o véo.*)

BOABDIL, *depois de ter examinado, esfrega-o entre
as mãos, e deixa-o cahir por terra.*

Quem era o homem?

MULEY

Eu o poderia ter descoberto, mas como sabeis, fui
preso e toda a investigação desde logo se me tornou
impossível.

BOABDIL

Aben-Hamet é um nobre cavalleiro : não lhe de-
vera confiar tal missão.

MULEY

Senhor!

BOABDIL

Enganei-me, confesso que me enganei! — Esse
homem que os espreitava, não o viu, não o reconhe-
ceu, não pôde conjecturar quem elle fosse pelas ma-
neiras, pelos gestos, por outro qualquer signal?

MULEY

Talvez que isto vos possa servir : o unico homem
que no serralho encontramos foi um Abencerrage!

BOABDIL

Quem era?

MULEY

Só pelo trajar o reconhecemos!

BOABDIL

Por que não prenderam, porque o não mataram?

MULEY

Não cheguei a vê-lo : defendeu-se como um verda-
deiro Abencerrage e evadiu-se sem que os meus sol-
dados lhe podessem pôr obstaculos!

BOABDIL

Era um Abencerrage! (*Pensativo.*)

MULEY

Attendei, Senhor : é certo que encontramos um Abencerrage, mas parece que o homem da entrevista não usava do mesmo vestuário.

BOABDIL

Que fazia um Abencerrage nos Jardins do meu seralho, e que outro a não ser dessa tribu odiosa, teria a audacia de levantar tão alto os olhos, e de se encontrar comigo! — Os Abencerrages conheço-os pelo genio turbulento, faccioso, promptos a commetterem emprezas, e a tratarem amores nos disturbios da guerra. Miseraveis, que se proclamam descendentes dos reis, e que obedecem como escravos! — por muito os soffro!

SCENA VIII

OS MESMOS e um SOLDADO.

O SOLDADO

Senhor, os meus companheiros ha muito que estão em armas, e aguardam ainda as vossas ordens.

BOABDIL

Que esperem!

O SOLDADO

Começam alguns a impacientar-se.

BOABDIL

Que se retirem.

O SOLDADO

Dizem que os hespanhoes se approximam.

BOABDIL

Que esperem ou que se retirem : façam o que lhes aprouver.

O SOLDADO

Que lhes direi, Senhor?

BOABDIL

Não me ouviste?! (*O soldado sahe : gritos da parte de fóra.*) Que não me deixem um instante ser homem!

SCENA IX

OS mesmos e ALHAMUR.

ALHAMUR

Senhor, as tropas começam a revoltar-se, o povo se enfurece, dizem que os hespanhoes se approximam da cidade!

BOABDIL

És Abencerrage?

ALHAMUR

O chefe, Senhor, julguei que vos era conhecido!

BOABDIL

Es chefe? melhor!

VOZ DE FÓRA

(*Canta algumas coplas da cantiga — Ay de mim Alhama.*)

BOABDIL

Conheces aquelle soláo?

ALHAMUR

Temerario arrojo é de quem o canta, Senhor : vós o tinheis prohibido.

BOABDIL

Podem agora fazel-o impunemente : Quem era Alcaide da Alhama — lembras-te?

ALHAMUR

Era um Abencerrage.

BOABDIL

Sabes o que lhe fizeram.

ALHAMUR

Vosso pai lhe mandou cortar a cabeça por haver mal defendido o castello, cuja guarda lhe tinha sido confiada.

BOABDIL

Que te parece d'aquelle castigo?

ALHAMUR

Que foi merecida, Senhor.

BOABDIL

Foi injusto.

ALHAMUR

Dizeis?...

BOABDIL

Que foi injusto. Se punimos o descuido com pena capital, como havemos de punir a traição e a vileza?

ALHAMUR

Tendes razão, Senhor, mas os Abencerrages que podem cahir em falta jámais poderão ser traidores.

BOABDIL

Dizes?...

ALHAMUR

Que são leaes.

BOABDIL

São leaes... bem sei que são leaes... com quantos poderei contar da tua tribu?

ALHAMUR

Somos cincoenta os principaes, e afóra destes muitos outros somenos, que são entre os primeiros dos vossos soldados. Podeis dispôr delles quando melhor vos aprouver.

BOABDIL

Bem — todos, sem excepção, haveis de apresentar-vos hoje mesmo no pateo dos leões.

ALHAMUR

E ousaria eu perguntar-vos para que?

BOABDIL

Lá o sabereis.

ALHAMUR

Perdoai-me; quando tantos perigos nos ameaçam de perto, releva que eu dê uma rasão, um motivo aos meus companheiros d'armas.

BOABDIL

Para o que vos posso querer no meu palacio?...

ALHAMUR

Para algum conselho talvez.

BOABDIL

Assim pois vireis desarmados.

ALHAMUR

Senhor, temos o direito de entrar com todas as armas nos vossos conselhos.

BOABDIL

Assim é; mas não ha muito, que alborotastes o meu palacio encontrando- vos com os Gomeles vossos inimigos : não quero que taes scenas se reproduzam; comprehendeis agora?

ALHAMUR

Sereis obedecido. (*Sahe.*)

SCENA X

BOABDIL, MULEY HASSAN.

BOABDIL

Ouviste?

MULEY

Ouvi.

BOABDIL

Comprehendeste?

MULEY

Pouco.

BOABDIL

É facil : vai ao pateo dos leões com os teus soldados, os Abencerrages que entrem desarmados — um por um. O mais fica a teu cuidado.

MULEY

Senhor eu vos supplico!...

BOABDIL

Entendo : chamarás os Gomeles em teu auxilio.

MULEY

Creio que dos Abencerrages depende agora a salvação do Estado, se ides assustar a população com semelhante castatrophe...

BOABDIL

Obedece.

ACTO V

ACTO V

Salla do julgamento

SCENA I

BOABDIL, MULEY HASSAN.

BOABDIL

Déste as tuas ordens ?

MULEY

Estão dadas, Senhor.

BOABDIL

Os Zegrís, os Gomeles já entraram ?

MULEY

Estão no pateo dos leões.

BOABDIL

Armados ?

MULEY

Estão promptos.

BOABDIL

Crês tu que executem cegamente as tuas ordens ?

MULEY

Senhor, bem sabem elles que a obediencia é o seu primeiro, senão unico dever.

BOABDIL

E não se arependerão de haverem nesta occasião obedecido. (*Momento de silencio.*) Que disse ella?

MULEY

A rainha?

BOABDIL

Zorayma — o que disse ella?

MULEY

O mesmo que sempre disse.

BOABDIL

Teima então em asseverar acintemente que o seu complice é esse infeliz mancebo.

MULEY

Esse mesmo, Senhor — o filho de Mohamed — Abencerrage morto, segundo é voz na sua tribu, ha já alguns annos.

BOABDIL

Imprudente! até aos mortos atraição!

SCENA II

Os MESMOS e AYXA.

AYXA

Perdoai-me se vos interrompo.

BOABDIL, *a Muley Hassan.*

Cumpre as minhas ordens. (*Muley sahe.*)

AYXA

Senhor, será acaso verdade o boato que ouço na bôca de todos?

BOABDIL

Que boato, Senhora?

AYXA

Que havendo reunido os vossos guerreiros com a promessa de que vos icis pôr á sua frente para marchar contra os hespanhoes, mandastes repentinamente e sem outro motivo mais que um capricho inexplicavel que se debandassem!

BOABDIL

E certo.

AYXA

E será tambem certo que na mesma occasião convocastes os Abencerrages para com elles vos aconselhades sobre os negocios do Estado!

BOABDIL

Acreditai-o : ninguem vol-o prohibe!

AYXA

Rei, não serei eu quem vos acoroçoe a progredir na estrada, onde a passos desenvoltos ides caminhando para a vossa perdição. Não é esta occasião de se desperdiçar o tempo com palavras inuteis. O que premeditais fazer, Senhor? — Derribar o vosso apoio mais forte, cercear ao throno de Granada os seus mais seguros defensores? E o motivo qual é? Porque cégo pelo amor de uma mulher, que vos foi traidora, tão irreflectido na escolha das pessoas em quem vos

confiais, como inconsiderado e injusto em punir todos os membros de uma familia pelo crime de um só?...

BOABDIL

Basta : fostes vós quem solicita pela minha honra lançastes mão de tudo para me convencer da minha vergonha : fostes vós quem com os vossos desvelos pela minha felicidade não cessaveis de clamar a todo o momento nos meus ouvidos que eu era rei e trahido! — Acordastes o leão que dormia : eil-o agora de crinas irriçadas ; tremei, mas não deveis queixar-vos.

AYXA

Queixar-me-hei, não porque perdeis o throno que é vosso, mas porque vai com elle a santa religião de Mafoma, — não porque abandonais os vossos vassallos á furia castelhana, mas porque entregais manietados os crentes aos incredulos, — porque destruis as esperanças deste imperio arabe que se havia de estender pelas Hespanhas e pelo mundo; porque sois o primeiro a cavar os alicerces, onde bem cedo se ha de erguer o estandarte de Christo sobre o turbante do propheta. — Se só vos contenta a matança dos Abencerrages nada vos será mais facil, mandai abrir as portas de Granada, mostrai-lhe onde estão os inimigos, e podereis depois subir a uma das mais elevadas torres de Granada para vêr como elles acabam ás mãos dos infieis : — O sangue das suas feridas vos não ha de então enferrujar a corôa por que elles morrerão como guerreiros no campo da batalha.

BOABDIL

Morrerão como traidores : não merecem outra morte.

AYXA

Um só homem poderá talvez pôr as mãos no peito a fortuna contraria que nos ameaça. Rei, sabeis quem seja este homem? É um Abencerrage!

BOABDIL

Morrerá tambem.

AYXA

Longe da côrte por muitos annos não pôde ter parte no crime de que á sua tribu accusais. Apareceu entre nós como um milagre da Providencia e foi recebido com enthusiasmo pelo povo que já tratava de resguardar os seus thesouros, e as pessoas que tinham mais caras. Rei confiai o mando dos vossos exercitos ao Abencerrage Ibrahim.

BOABDIL, *vivamente.*

Ibrahim! dizeis que se chama Ibrahim?

AYXA

É esse o seu nome.

BOABDIL

O filho de Mohamed, o Abencerrage?

AYXA

Esse é.

BOABDIL

E sabeis que está em Granada : não vos enganaram?

AYXA

Eu o vi!

BOABDIL

Oh! Mafoma, eu t'o agradeço. (*Pausa.*) Dizeis então?

AYXA

Que é o unico homem capaz de vos salvar.

BOABDIL

Não trato disso : como foi recebido ?

AYXA

O povo festeja-o como um amigo que volta de uma longa peregrinação, — querem-n'ó por chefe, aclamam-n'ó, e levam-n'ó em triumpho pelas ruas.

BOABDIL

Então vale muito com o povo ?

AYXA

Muito, — mais do que o podeis imaginar.

BOABDIL

Tendes razão : mandai-o chamar.

AYXA

E haveis de perdoar-lhe, haveis de pô-lo á frente do vosso exercito : não é assim, meu filho? — É isto de bom conselho além de ser um acto de justiça.

BOABDIL

É o homem de quem mais careço nesta occasião, fazei-o vir á minha presença já.

AYXA

Confio na vossa palavra.

BOABDIL

Nada prometto! (*Emendando-se.*) Não vos posso dizer senão que o hei de premiar segundo as suas obras.

AYXA

Ainda melhor.

BOABDIL

O tempo urge!

AYXA

Allah vos abençõe, meu filho.

SCENA III

BOABDIL, só.

Ibrahim está vivo! e hei de perdoar-lhe! hei de pô-lo á frente dos meus exercitos para que vá combater os meus inimigos, e volte depois carregado de louros afrontar-me com redobro de insolencia! E eu de mãos atadas para o galardão como para o castigo hei de agradecer-lhe a conservação de uma corôa já tingida em tanto sangue. E com a fronte baixa, hei de ouvir a narração dos seus feitos julgando-me vil na minha consciencia! Não! pereça embora este throno malfadado, onde jámais me tem corrido uma hora de ventura : pereça o meu nome e gloria, e acabe a minha geração comigo : mas não se dirá nunca que deixei vivo o miseravel que me injuriou cobardemente, — nem que por amor de um premio vil, de uma corôa mal soffrida, consenti em lhe ser agradecido! Hassan! Hassan! Não ouves, Hassan!

SCENA IV

BOABDIL, MULEY HASSAN.

MULEY

Aqui me tendes, Senhor.

BOABDIL

Faze conduzir Zorayma para o pateo dos leões — já, quanto antes.

MULEY

Senhor, pois tambem ella?

BOABDIL

Quero que assista á execução.

MULEY

Meditai, Senhor...

BOABDIL

Não ouviste ainda? Quero-a no pateo dos leões.

SCENA V

Os MESMOS, e um ABENCERRAGE.

BOABDIL, á Muley.

O mais saberás depois. (*Muley sahe.*)

ABENCERRAGE

Senhor, perdoai-me se me demorei : os hespanhões começam a atacar-nos.

BOABDIL

És o primeiro que chegas : não tens que pedir desculpas.

ABENCERRAGE

Tanto peor, senhor, que se não empregardes toda a diligencia, com magoa o digo, Granada cahirá hoje mesmo em poder dos infieis.

BOABDIL

Já deliberei tudo.

ABENCERRAGE

E o que determinais?

BOABDIL

Podes entrar.

ABENCERRAGE

Pois quereis sempre reunir conselho?

BOABDIL

Entra. (*O Abencerrage sahe.*)

SCENA VI

BOABDIL — 2.º ABENCERRAGE.

2.º ABENCERRAGE

Começou o ataque da parte dos hespanhoes — alguns dos nossos bastiões já cahiram em seu poder.

BOABDIL

Podes entrar. (*O Abencerrage sahe.*)

SCENA VII

BOABDIL — 3.º ABENCERRAGE.

3.º ABENCERRAGE

Senhor, senhor ! valei-nos !

BOABDIL

Entra. (*Ouve-se um grito — o Abencerrage que vai para entrar, recúa.*)

3.º ABENCERRAGE

Não ouvistes?

BOABDIL

O que?

ABENCERRAGE

Um grito de arripiar as carnes, — um rouquejar de quem se debate entre as vascas da morte.

BOABDIL

Vê o que é. (O 3.º Abencerrage sahe. Entram muitos outros : Boabdil com a mão lhes indica a porta por onde devem entrar.)

SCENA VIII

BOABDIL, e ABEN-HAMET.

BOABDIL

Tu, Abén-Hamet! que vieste aqui fazer?

ABEN-HAMET

Senhor, não me querieis fallar?

BOABDIL

Em verdade, és a pessoa que eu menos desejava ver neste logar e neste momento.

ABEN-HAMET

Se a minha presença vos é agora importuna...

BOABDIL

Nunca! nunca. Se te não desejava agora era só para que não fosses testemunha de um espectáculo bem triste.

ABEN-HAMET

Para vós, Senhor?

BOABDIL

Para todos.

ABEN-HAMET

E não poderei saber qual a causa que tanto vos afflige?

BOABDIL

Podes, sim; mas antes de tudo: Quando outro dia rondavas os Jardins do serralho, não viste nenhum vulto desconhecido? não descobriste nenhum indício que podesse confirmar as minhas suspeitas?

ABEN-HAMET

Porque essa pergunta, Senhor?

BOABDIL

Não duvido da tua diligencia, não te crimino: és leal, és meu amigo. — Mas sabe: desde aquella noite adquiri a fatal certeza de que Zorayma...

ABEN-HAMET

Acabai!...

BOABDIL

Basta: bem me entendes.

ABEN-HAMET

E o que pretendeis fazer?

BOABDIL

Vingar-me!

ABEN-HAMET

De quem? conheceis acaso o criminoso?

BOABDIL

Pouco importa ! Quando em uma casa se commette um grande delicto, arrasam-se-lhe as paredes com o solo, e no logar que elle deixou vasio planta-se canhamo e linho para que de todo se apague a lembrança do attentado commettido.

ABEN-HAMET

E se o criminoso se viesse offerecer á vossa vingança pedindo-vos que vos compadecesteis d'aquella pobre e desgraçada creatura, e que sobre elle sómente cahisse todo o peso da vossa colera ?...

BOABDIL

Não, nunca !

ABEN-HAMET

Ponderai, senhor, quão grande é a fraqueza de uma mulher — quão facilmente se pôde deixar arrastar pelos protestos talvez lisongeiros, talvez fingidos de uma lingua mentirosa. Facilmente seduzidas pela lisonja, mal podendo resistir á paixão que se lhe revela entre lagrimas... a natureza as creou fracas, mas são os homens que as fazem traidoras.

BOABDIL

Fraqueza de vibora que assassina mordendo ! — Mede o crime não pelo que é em si, mas pela qualidade da pessoa offendida, e verás depois se sou rigoroso em demasia, ou se basta o sangue dos Abencerrages para lavar a nodoa que a sua infamia lançou sobre o meu nome !

ABEN-HAMET

Os Abencerrages !

BOABDIL

Morrerão todos.

ABEN-HAMET

E Alhamur, senhor ! Alhamur ! Tambem o condemnastes ?

BOABDIL

Já morreu !

ABEN-HAMET

Rei, pois que a tal ponto vos cega a paixão, que sacrificais sem motivo a flôr dos vossos cavalleiros, pois que punis milhares de innocentes por um só criminoso, sem attenção ao bem do vosso Estado, á dedicação da vossa nobreza, que melhor acabaria n'um dia de batalha morrendo por amor do vosso throno, — pois que basta pertencer á mais nobre, á mais generosa, á mais guerreira tribu de Granada para incorrer no vosso desagrado, para merecer a morte por mão de um carrasco, — aqui me tendes : sou eu... (*Emendando-se.*) Sou tambem Abencerrage !

BOABDIL

Peza-me de os não poder odiar sem excepção de um só !

ABEN-HAMET

Digo-vos que sou Abencerrage ! A excepção que fazeis de mim, quando mandais trucidar os meus irmãos, os meus amigos, os meus companheiros d'armas — é uma vergonha — um insulto — ponderai bem que é um insulto : eu o regeito. — Mandai que vos tragam o cepo do padecente, o cutello do algoz, os aprestos desta horrivel carnificina, mandai que me decepem a cabeça na vossa presença, e não cu-

braes de infamia o homem de quem, ao menos vós o dissesstes, de quem já fostes amigo.

BOABDIL

Tardias são as tuas palavras, Aben-Hamet. — A um delles não concederia eu a vida nem pela tua amizade nem por todos os thesouros do Kalifa. — Quanto ao mais, ainda que eu agora o quizesse, movido pelos teus rogos, já não é tempo de perdoar-lhes.

ABEN-HAMET

É sempre tempo para a clemencia, senhor.

BOABDIL

Não, já não é tempo. Vê tu mesmo. (*Abre-se o reposteiro de fundo — e vê-se entre sombras os Zegrís e os Gomeles; Zorayma entre os soldados — e os cadaveres dos Abencerrages.*)

ABEN-HAMET

Horror! Horror!

SCENA IX

Os MESMOS e ZORAYMA, *lançando-se ao meio da scena.*

ZORAYMA

Foge, Ibrahim, foge. — Não são homens os que vês, são feras carniceiras, que respiram soffregas o odor do sangue: a morte é para elles um banquete, e as agonias do passamento um concerto que os embriaga. Foge, eu t'o supplico: — foge se ainda é tempo.

BOABDIL

Tu chamas-te Ibrahim?

ABEN-HAMET

Ver-te assim entregue nas mãos dos teus algozes, e não ter forças, não ter posses para te arrancar do abysmo onde eu te precipitei com a minha imprudencia! Oh! Zorayma, sómente agora é que posso lêr na sorte que te espera quão grande foi o meu delicto! mas por grande e horrendo que seja, basta, é de sobra este momento para apagar a sua lembrança na memoria do meu mais encarniçado inimigo

BOABDIL

Tu és Ibrahim?

ABEN-HAMET

Eu sou: se ha mais tempo vol-o não confessei não foi por disputar esta vida que de bom grado vos cedo: m asia com ella a sorte de outra creatura!...

BOABDIL

Tambem és Abencerrage: agora o creio!

ABEN-HAMET

Rei, dai um só momento áquelle que para todo o sempre vai comparecer perante a justiça do eterno. Não vos peço mercê...

BOABDIL

Ibrahim! Aben-Hamet — o nome do homem que me era mais caro — o nome da creatura que mais aborrecia — um traidor — um amigo — e são ambos uma só creatura: era isto. E que outra cousa poderia ser se não um monstro para resumir em si as mais violentas, as mais disparatadas afeições da minha alma.

ZORAYMA

E eu sou que te denuncio! — Quando julgava ter

a ira de Deos accumulado sobre a minha cabeça todas quantas miserias podem sobrevir a uma triste creatura, por cumulo de infortunio sou eu quem te condemna á morte! sou eu quem te mata! eu, cuja unica consolação nos meus derradeiros instantes seria saber que ficavas em vida guardando a memoria d'aquelle nosso amor da infancia, lembraste? Oh! tão puro! e tão desgraçado tambem!

ABEN-HAMET

Anjo do céo! bem vinda me seria a morte que eu recebesse das tuas mãos: mas a folha da minha vida rompeu-se á primeira gôta de sangue abencerrage, que por meu respeito se derramou! Nobres e desgraçados irmãos! Como poderia eu viver depois delles, e depois de ti Zorayma? Morrerei, sim, morrerei, sem queixar-me, e mil vezes bemdicto seja Allah, que na sua bondade me permite esta derradeira, esta grande consolação, que não mereço — a de morrer contigo!

BOABDIL

Oh! quando o homem na vida passa por uma destas terriveis provanças que apraz a Allah mandar aos seus filhos miseraveis como um raio de maldição implacavel, descre da sua justiça, e da humanidade, e comsigo mesmo se envergonha de pertencer a indigna especie que produz tão negros fructos!

SCENA X

Os MESMOS e AYXA

AYXA

Senhor, os hespanhões penetraram na cidade: já correm pelas ruas, incendeiam as casas e os templos

os nossos soldados sem chefes — um punhado apenas pelejam desacoroçados, disputando a subida de Vivarambla que dá entrada para o castello. (*Boabdil conserva-se pensativo e silencioso.*) Por Deos, senhor, que silencio é este? Vosso throno se espedaça como uma arvore tocada pelo raio: vossos soldados carecem de chefe: um ultimo esforço pôde ainda salvar-vos, e reunis no palacio os Zegrís, e Gomeles, mandais assassinar os Abencerrages, e vos conservais tranquillo e socegado como se isto fosse apenas um ale-vante da plebe! (*Silencio.*) Já que o terror vos tolhe a falla, tratarei de salvar-vos, máo grado vosso — eu fraca mulher que não sei manejar o alfange, nem cavalgar um corsele de batalha. Vem comigo Ibrahim!

BOABDIL

Ibrahim! Quem fallou em Ibrahim?

AYXA

Eu! (*Ouvem-se descargas.*)

BOABDIL

Que arruido é aquelle?

AYXA

São os hespanhões que atacam o vosso palacio.

BOABDIL

Guardas! guardas! — Zegrís, Gomeles.

AYXA

Emfim acordastes!

SCENA XI

OS MESMOS e GUARDAS

BOABDIL

Segurái-o.

AYXA

A quem?

BOABDIL, *com força*

Segurái-o!

ABEN-HAMET

Rei, deixai-me primeiro correr ao encontro dos vossos inimigos: eu vol-o peço de joelhos: vencedor ou vencido fica-vos a minha vida ou o meu cadaver para saciar a vossa vingança.

AYXA

Não sabeis que esse é Ibrahim, senhor, que loucura é a vossa?

BOABDIL

Pelo inferno: matai-o, matai-o!

ZORAYMA

Morreremos ambos, morreremos juntos, exhalaremos juntos o ultimo suspiro.

ABEN-HAMET

Vem, só a morte agora te poderá tirar d'aqui onde devêras ter vivido sempre!

BOABDIL

Separai-os!

AYXA, *com desprezo.*

Insensatos!

ZORAYMA

Quem de vós se atreverá a torcar-me?

BOABDIL

Separai-os!... Cobardes! (*Arranca-a dos braços de Aben-Hamet.*)

ABEN-HAMET, *entre os soldados.*

Ai de ti, rei, se em quanto me resta um alento de vida te atreves a levantar a mão contra Zorayma! ai de ti, se insultas uma mulher que se não defende, que não tem forças para te resistir!

BOABDIL

Matai-o! matai-o! (*Cresce fóra o tumulto.*)

ABEN-HAMET

Ai de ti, porque despedaçando estas fracas prisões dos teus soldados — esta barreira desprezível que oppões á minha furia!...

ZORAYMA

Ibrahim!

BOABDIL

Cala-te!

ZORAYMA

Em quanto a minha voz te puder chegar aos ouvidos escuta-me: Eu te amo!

BOABDIL

Cala-te!

THEATRO

ZORAYMA

Eu te amo!

BOABDIL

Cala-te! (*Suffocando-a.*)

ZORAYMA

Eu te amo!

BOABDIL

Cala-te! (*Apunhalado.*)

ABEN-HAMET

Ah! (*cahe apunhalado.*) Perdoai-me rei : tu Zorayma perdôa-me!

BOABDIL

Eu te odeio!

ZORAYMA, *cahindo*

Eu te perdôo!

(Cahe o panno.)

INDICE

BEATRIZ CENCI

Acto I.....	5
— II.....	31
— III.....	53
— IV.....	75
— V.....	99

LEONOR DE MENDONÇA

PROLOGO.....	129
Acto I.....	147
— II.....	195
— III.....	225

PATKULL

Acto I.....	275
— II.....	305
— III.....	327
— IV.....	359
— V.....	379

BOABDIL

Acto I.....	397
— II.....	429
— III.....	461
— IV.....	483
— V.....	509